



---

*Ovelhas da ilusão*

CRONICAS DA PATOLOGIA COLETIVA - V. 1

*Alexandre João Appio*

---

---



appio.org

# Ovelhas da ilusão:

## crônicas da patologia coletiva

### Vol. 1

**Alexandre João Appio**

*“Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos.” (Freud)*

---

---

---

## **Agradecimentos**

Agradeço aos personagens que fazem parte destas histórias, todas bem reais. Sem eles, não teria ocorrido a inspiração para escrever estas páginas, apesar de que muitas vezes as experiências foram decepcionantes.

Agradeço também às mazelas, às depressões, às dúvidas, às pessoas que apareceram como involuções, ou que ainda estão em interpretação de si e dos outros, mas que contribuíram para que este se materialize.

Agradeço aos meus muitos alunos em todos os anos de docência, que em sua sutil compreensão do mundo, sempre revelaram quem são e como são.

---

## Prefácio



A tentativa de aproximação do ideal e o real é uma constante na vida de todo o sujeito. A luta é desigual. Quando damos um passo em direção ao ideal, vem o real e nos mostra que não vai ser tão fácil. São vários nocautes e sempre dá a impressão de empate. As pessoas nos ajudam muito nesse trabalho. Elas que nos mostram o real, ou não querem nosso ideal, conscientemente ou não.

Como salienta Lacan: “como o real é impossível, também é impossível que haja uma experiência direta e imediata do real. Essa experiência do real, essa verdade não é nada mais que um ideal que se projeta no horizonte da consciência de classe(...)”

Também podemos pensar em termos de sociedade: Para o sistema se emancipar, o indivíduo faz parte dele como peça da engrenagem, ou uma marionete. Assim, ele defende o sistema, ilusoriamente, como se fosse a sua própria emancipação.

Assim vemos ações e atitudes diárias para esta “emancipação”, como se uma verdade absoluta fosse. Este escrito trata sobre isso: ações, situações, certezas, dúvidas e tentativas de interpretação do contexto dos sujeitos, dentro do ideal e do real em cada um.

---

---

---

## Sumário

Agradecimentos.....	3
Prefácio.....	4
Introdução.....	6
Mas qual seria nosso papel?.....	8
68% sem noção.....	10
Compre presentes.....	15
Análises temporais.....	19
Um caso ansioso.....	21
Sim, a culpa é dos outros.....	23
O irracional cotidiano.....	25
Quero mostrar aos outros.....	28
Que bom! O outro está pior.....	30
Não quero saber!.....	33
Pedagógicas!.....	35
Quase não é nada!.....	38
Tu não tem “filhos”?.....	41
Falando em sustentabilidade.....	46
Antagonismos.....	48
Que viagens.....	51
Todos são humanos.....	53
A difícil interpretação das emoções.....	56
Surpresas vitais.....	60
A ilusão.....	64
Estamos velhos.....	68

---

Histórias curtas.....	70
A facada.....	72
A Patologia coletiva.....	74
A capital do Rio Grande.....	80
Ah, as redes relacionais!.....	83
COVID-19.....	86
COVID-19 (2).....	87
Posfácio.....	88

---

---

---

## Introdução

Na complexidade diária, não são percebidas sutis nuances que são impressas na percepção consciente e inconsciente, nas atitudes, ações ou reflexos que interferem em toda a rede de relações, positivamente ou negativamente, em constante interdependência, em conexão com algo ou situação, a qual o sujeito descobre que teve sua influência posteriormente, ou às vezes nunca vai perceber.

Ao mesmo tempo, o sujeito necessita dessas impressões para a legitimação social, sendo um sistema de inserção individual. Esta legitimação, por sua vez, carrega os conceitos prévios que foram moldados na primeira infância e passaram a ser verdades a partir desta fase. São vínculos, relações de resposta aos estímulos que recebemos.

Este livro trata desses assuntos: interdependências, compreensão do real a partir de ações individuais refletindo as coletivas, sustentadas por sistemas de aporte para situações importantes. Complementa a interpretação social a partir de percepções e pesquisas.

Como geógrafo, sociólogo, especialista em saúde mental e outros, com estudos e escritos em medicalização, psicologia e qualidade de vida, tenho o intuito de explanar com estas situações diárias, estabelecendo interface reflexiva com essas áreas, apesar de ser consideravelmente existencialista.

---

*“Poderíamos solucionar muitos dos problemas de delinquência e criminalidade, se pudéssemos mudar o meio em que foram criados os transgressores” (Skinner)*

## **Mas qual seria nosso papel?**

Devemos trabalhar freneticamente para pagar nossas contas. Não somos sujeitos de nosso destino, mas nos convencemos do contrário. Somos escravizados e consentimos, achando que os chineses o são; somos manipulados e consentimos, achando que em países socialistas isso acontece; no crime, morrem mais pessoas que em uma guerra no país, e achamos que vivemos em paz. Acreditamos que a verdade é somente a nossa, alienada, não interpretada, não percebemos outras relações que compõem nossa realidade.

Os sujeitos, em sua suposta racionalidade, em certos episódios agem com total irracionalidade. Em um momento de certa aflição ou ansiedade, os resultados destas ações podem ser irreversíveis. Esta, normalmente, provém de um reflexo de alguma frustração: deve-se repassar a outros, para talvez nos sentirmos melhor.

Se o sujeito está bem é invejado, se ele está ruim, é condenado.

Isso poderia ser racional?

O irracionalismo pode ser observado todos os dias à nossa volta: as incoerências, as ignorâncias, repassando suas frustrações para outros, pois não consegue lidar com elas. Por irracionalidade crimes são cometidos, crianças mortas ou abandonadas, famílias dilaceradas devido ao ser racional que se torna irracional. É o suposto instinto de

---

---

---

sobrevivência que se torna mais forte, mais incoerente. Passamos a ser piores que os animais supostamente irracionais nesses episódios. Uma mãe “animal” não abandona seus filhotes. Algumas mães “humanas” o fazem: não só seus filhos, mas também os animais de estimação.

Posteriormente, sempre existe a tentativa de colocar a culpa em outros, no próximo, no governo, no partido político, nos corruptos, isentando-se até de situações mais simples. Como diz a psicologia, é um sutil e eficiente sistema de aporte, como os medicamentos, a religião, as drogas ou álcool.

É fácil fugir das responsabilidades de viver em sociedade. O respeito, a convivência, a reciprocidade e empatia são valores que não se encontram com facilidade.

Um exemplo interessante é o nosso trânsito, em especial. Sem transporte público eficiente, toda a população quer ter o “seu” carro, que não é seu, que está sendo financiado e automaticamente o sujeito está endividado.

Com isso, o trânsito fica cada vez mais caótico e os bancos agradecem.

\*\*\*\*\*

---

*“Os principais problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser resolvidos se melhorarmos nossa compreensão do comportamento humano” (Skinner)*

## **68% sem noção**

As dúvidas quanto às nossas ações, execuções ou que decisões tomar sempre são evidentes. Em muitos casos, não decidimos, deixa-se que outros o façam e só acatamos. Torna-se mais fácil, mais prático, como se fosse uma pílula que cura as mazelas.

O que se percebe em nosso cotidiano, ou pode-se até pesquisar sobre, é que não se pensa no amanhã, no futuro, no que virá. Não se pensa na aposentadoria, na qualidade de vida futura: “o que vier ta bom”. Não ocorre o controle das contas e gastos com uma planilha básica. A previdência e seguro de vida é superficial. É mais conveniente, cômodo e barato deixar-se levar pela onda do agora. Ir “atrás” dos outros e assim sofrer as penalidades depois. A partir da incapacidade crítica, torna-se uma opção bem plausível. Se todo mundo está indo para a rua,

- Vamos! A hora é agora!
- Para que?
- Não sei..., mas já que “todo mundo” está indo, vamos ver o que acontece.
- Vamos!

Se supostamente se ouve que “todo mundo vai”, deve-se ir também; e todo mundo se endivida, agora é a hora de comprar! E a

---

---

---

mídia se empenha para que o endividamento seja uma constante e assim, sustentar o sistema bancário, o crédito e sua oferta. O “todo mundo” é opressor ao sujeito que tenta perceber sua individualidade.

Parece-me, nesse caso, que se estrutura um novo movimento social, o MSN: movimento dos sem noção, dos que “vão na onda”, que não sabem bem o motivo, não sabem o porque, não sabem o que escrever nas faixas e explana-se algo mais superficial, geral, sem especificações, inclusive devido ao desconhecimento mais profundo de qualquer causa política ou problema social.

“O gigante acordou”, dizia-se em 2013.

No mês seguinte, aumenta o ICMS, juros do cheque especial e do cartão de crédito, logo depois o IOF para quem viaja ou compra no exterior, os juros para quem quer estudar em faculdade com FIES igualmente.

Alguém saiu pra rua novamente? Não...

A educação é muito cara, se comparada aos países vizinhos, onde fazer uma graduação ou pós-graduação seria muito mais barato e de qualidade superior.

- Vamos para a rua?

- Mas ninguém está indo!

- É, melhor bater panelas...

Mas já tivemos a copa - muito bem paga - temos o carnaval, futebol e as eleições obrigatórias para a diversão do povo e pagas por ele, com isso pode-se esquecer as mazelas da vida.

---

O desconhecimento, a desinformação e a falta de capacidade de interpretação nunca saíram de linha. Com as redes sociais, nas quais as certezas absolutas são constantes e evidentes, sem pesquisa, sem ler, sem se certificar o que é verdade ou não. A alienação<sup>1</sup> é uma infeliz regra, onde é mais rápido e prático acreditar no que a mídia ou outros estabelecem como verdade, que as suas próprias verdades, estas que devem ser fundamentadas em interpretação e conhecimento.

Igualmente o discurso:

- Temos que privatizar tudo!
- Socialismo é problema!
- Esquerda é corrupção!

Por acaso existe alguma classificação de saúde mental para estes conceitos? Porque as pessoas que citam os termos enfaticamente não estudam, com neutralidade, o conceito e a gênese de capitalismo, socialismo, esquerda e direita, analisando efetivamente o que é, bem como o aspecto humano e de qualidade de vida?

Quando abre um concurso público, esses mesmos estão lá, tentando uma vaga. Mas qual era o discurso mesmo?

Nesse processo, dar um jeitinho para ter vantagem é evidente, e condena-se a corrupção. Nossa sociedade brasileira está infectada. Assim, falar em corrupção ou o fim dela parece hipocrisia, pois o levar vantagem é senso comum e com isso, o desrespeito também

---

1 Alienação aqui explicitada refere-se a alienar-se a outro, aceitando, orientações, determinações ou “verdades” de outros, em detrimento de suas.

---

---

acaba sendo normal, em uma indignação que se transforma em ação e passa a ser reproduzida a outros, retroalimentando o ciclo vicioso de desrespeito e desumanidade.

A sequência deve ser quebrada.

Percebe-se uma situação virótica em que se “todo mundo” faz, deve-se fazer. É uma legitimação do ilegítimo, e assim torna-se normal na falta de capacidade de interpretação da realidade.

E a situação é tão desoladora que alguns casos ou grupos não sabem mais o que fazer para aparecer. Não bastam as redes sociais.

A sequência deve ser quebrada.

No Nordeste, em 2019 ocorreu um movimento nas praias chamado “marcha contra a gordofobia”. Como assim? Quer dizer que quando vamos à praia temos medo de gordos? O próprio termo está errado, estabelecido sem pensar e sem noção de objetivo. Mais um pouco veremos a branquelofobia, heterofobia, entre outros.

Talvez se criem políticas imbecilóides para delimitar acesso a lugares, limitar a circulação, a liberdade e a paz. Mais do que as que temos, que já são limitantes.

Seria a falta de senso crítico? Seria o resultado do ócio das massas? Seria a manipulação ideológica da mídia? Acho que seria mais óbvia a primeira opção. Mas para se ter um senso crítico, deve-se interpretar a realidade e saber fazê-lo. E me refiro não somente interpretar o que lemos, mas o que ouvimos e vemos. Se não soubermos executar esta interpretação, como vamos tomar decisões efetivas, como vamos entender a realidade e tomar decisões?

A pergunta que fica é: como se pode falar em democracia e inclusão, se os sujeitos não conseguem interpretar nem a própria

---

realidade ou suas necessidades, com **68% dos eleitores do país**<sup>2</sup> com escolaridade até ensino médio incompleto?

É necessária uma mudança pela educação, na perspectiva de que ocorra também uma considerável conscientização individual. E deve-se considerar que uma mudança estrutural não acontece de uma hora para outra, mas demora 40 anos, em uma sociedade que se pensa em 4 anos.

Assim, uma mudança real torna-se utopia. Por isso a ilusão é eficiente.

\*\*\*\*\*

---

2 Conforme o TSE em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-grau-de-instrucao>. Consultado em 03/12/22.

---

---

---

*“O erro desce por um plano inclinado, ao passo que a verdade tem que subir penosamente a escarpa da colina.”*  
(Helena P. Blavatsky)

## **Compre presentes**

O futuro e suas facetas trata-se de um dilema conveniente e que acabamos por expressá-lo em nosso cotidiano. Vivemos esperando e ao mesmo tempo sofrendo pelo que virá, em um paradoxo infundável.

O sujeito pensa em aproveitar o agora, supervalorizando-o. Assim sendo ilusoriamente o mais feliz dos felizes, mostrar o que não tem prevendo o futuro, prevendo o que outros podem pensar, alienando-se a esse outro. Este define a vida do sujeito, que não pensa em si, mas no outro; inclusive falando do outro, positivamente ou negativamente, querendo ter – ou não – a vida do outro, possuir o que é do outro, etc. Assim, não existe concentração ou centramento em si mesmo. Esse processo passa a ser uma resposta para as depressões, pois o sujeito não se dá conta de si, não consegue se interpretar, ou a sua realidade, passando a seguir a referência de outros, não sendo ele próprio.

Como as vezes saliento: “o sujeito não é cidadão nem de seu próprio corpo”, espera que alguém lhe diga o que fazer. Como poderia ser cidadão de outras instâncias, como de seu bairro, cidade e de seu país?

Ao mesmo tempo tudo à nossa volta nos incita que se tivermos coisas ou bens, não precisa ser alguém: não precisa ser humano, não precisa evoluir como pessoa ou respeitar os outros. Inclusive, não

---

precisa pensar por si, outros meios já o fazem, é só seguir o discurso que se passa por verdade. Portanto, tenha, compre, mas compre agora, não deixe para amanhã, que o futuro pode não existir. Aproveite agora, aproveite o momento, preocupe-se com o agora, não com os outros. Deixa que “depois a gente vê”.

Essa situação hedonista<sup>3</sup> é regra em nossos dias. Mas... o futuro vai vir, vai aparecer, pois já é amanhã!! E que subsídios se tem para oferecer a ele? Sobreviver, sem evoluir, sem pensar.

E os dias chegam,

As datas chegam,

Os anos chegam,

Tudo chega, e as vezes deixamos passar;

As vezes perdemos e às vezes ganhamos, invariavelmente;

Ainda, às vezes empate sendo um aprendizado a mais.

Seremos melhores ou piores?

Estaremos melhores com nossa evolução como seres humanos, ou estaremos nos subtraindo frente aos percalços?

Ainda, se prestarmos atenção, o senso comum é ilusoriamente engraçado:

- Já é natal!

- Ano novo está ai!

- E o que fiz da minha vida?

- Devo comprar presentes?

---

3 É possível uma relação direta do hedonismo com o individualismo, em uma veneração à sociedade de consumo. É nosso dever sermos felizes e a felicidade implica no consumo. Hedonismo: obrigação de ter prazer e evitar o sofrimento.

---

---

---

- Sim.... Presentes! É para isso o natal! Presentes... assim não preciso pensar nos problemas e como solucioná-los com mais humanidade, não preciso pensar nos outros, em minha realidade, em fazer o que me faz feliz realmente.

Notadamente uma ilusão. Mas nos detemos às ilusões e damos ênfase a elas. Permeamos entre a ilusão e a verdade, pois queremos acreditar no ser humano. Quando essa “fé” se perde, o radicalismo comportamental pode se fazer perceber.

Já não somos pessoas, somos só presentes, uma ínfima parcela de consumo. Simplesmente um consumidor, que vende sua mão de obra como trabalho, para chegar no fim do mês e se endividar novamente, em um ciclo vicioso de sobrevivência, alienação e dívidas.

- Não esquece meu presente! Não precisa vir conversar comigo. Só quero meu presente! Posso estar com o coração em frangalhos, mas quero meu presente!

- Por que?

- Porque assim talvez eu fique melhor, eu consiga esquecer a mágoa dentro de mim, as tristezas. Talvez seja um aporte para as tristezas de meu mundo, um tamponamento. Mera ilusão.

Como salienta Baudrillard (1981)<sup>4</sup>, a aquisição dos objetos na nossa sociedade traduz-se pela ilusão de que o consumo pode preencher a demanda de felicidade. Os objetos neste registro simbólico são marcados por uma equivalência entre possuir bens e usufruir a felicidade.

---

<sup>4</sup> Baudrillard, J. *A sociedade de consumo*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

---

Talvez eu esqueça que é um momento de agradecer, de organizar, de interiorizar. de conversar com alguém, de ouvir, de partilhar, com compreensão, com amor; de pensar nas possibilidades vitais e coerentes para a evolução de si e do seu entorno. Que me reconheçam como ser humano real e pensante, bem como o auto reconhecimento na interpretação de si.

\*\*\*\*\*

---

---

---

*Quando a dor de não estar vivendo for maior do que o medo da mudança, a pessoa muda” (Freud)*

## **Análises temporais**

Mas falando em tempo, pode-se analisar como os sujeitos se fazem valer dele. Como é amplamente desperdiçado, sob o slogan: “tempo é dinheiro”. Este faz o efeito inverso. E nesse achar, temos tempo para os outros, pelos outros, para os aplicativos, redes sociais, aos outros. Não temos tempo para nós mesmos, por nós, que possamos sentir a própria respiração, o coração, as necessidades de nosso corpo. Sermos nós. Fugimos de nos mesmos, de todas as coisas que deveriam nos fazer bem.

Às vezes não somos racionais e muito menos sentimentais, e acabamos nos rendendo a prazeres ou desprazeres que nos atordoam, que nos colocam em auto conflito. Porque?

As vezes parecemos sadomasoquistas de nossa mente e espírito. Temos que nos ocupar – ou a nossa mente – com coisas para fugir de outras. Damos ênfase ao negativo, não ao positivo de nós mesmos e de nosso entorno. Fomos doutrinados para sermos enfáticos para com o negativo somente. Seria o resultado de nossa cultura, que se preocupa somente em ver o resultado, não o que ocasionou aquilo, analisando o todo, o sistema, aprendendo com ele. Nos incitam a ver o negativo no outro e em nós mesmos, em um menosprezo que beira a insanidade.

Como professor por tantos anos, presenciei situações que se repetem em que o sujeito se bloqueia acreditando no negativo,

---

querendo acreditar que não vai dar certo, não se esforçando para isso.

- Professor, eu não consigo!

- Mas lê com calma, interpreta a questão, que a coisa flui...

- Eu vou “rodar”!

- Tentou ler as questões, pelo menos?

- Não... vou repetir geografia.

Na insistência, ela conseguiu fazer a prova, foi bem e acabou o Ensino médio um semestre depois.

\*\*\*\*

Em outro caso, amigas se reúnem na casa de uma, em concentração para uma festa, onde ocorre o desfile privado mútuo.

Amiga numero 1:

- Você está linda!

- O que fez com o cabelo? Está linda!

E a personagem nem aí...

Amiga número 2:

- Nossa você fica ótima com esse sapato, combinando assim.

Ela toda orgulhosa, sentindo que foi a perfeita escolha do modelito.

Aparece a “amiga” número 3:

- Ai! Que estranho esse teu vestido... parece antigo! Não fica bem em você! Parece desbotado, e esse decote? Nossa...

Ela desaba, acaba o mundo, sai de canto e em poucos minutos troca a roupa e nunca mais a usa. Alguém se identifica?

---

---

---

Ela, portanto, gosta de sofrer e dá ênfase ao negativo, bem como o caso muito comum da aluna acima. É uma situação mais comum do que se pensa. E assim a coisa não dá certo, não acontece, não se arrisca, pelo medo do não ou até conivente com ele.

\*\*\*\*\*

*“Nem todas as tempestades vêm para atrapalhar a sua vida.  
Algumas vêm para limpar seu caminho.”*

### **Um caso ansioso**

Paula, mulher de seus 32 anos, sempre corria mais que as possibilidades. Sua vida era um “se ocupar” extremo. Era necessário não pensar nas mazelas diárias. E, com esse se ocupar, nunca estava satisfeita com os acontecimentos, com os outros, consigo mesma. Sua vida era correr.

Possivelmente não sabia ou não tinha noção do porquê. Tomava topiramato, depakene e outros medicamentos para “ansiedade”. Um filho e um casamento mal resolvido, problemático. Achava que poderia dominar o mundo, mas tinha suas fraquezas, inseguranças que a puxavam para a realidade de maneira muito forte.

Em certa feita, conseguiu um emprego melhor, se tornou mais “independente”, e resolveu seu casamento: encontrou outro, que aparentemente tinha um bom papo e com este, supostas posses.

Ela, por sua vez, pensou em evoluir e ter outro negócio, um próprio. Propôs a ele ser sócio de uma empresa de segurança,

---

toparam. Em 4 anos, apartamentos, carros, investimentos, a sociedade dos dois estava pronta para dominar o mundo em uma área das que mais cresce no Brasil devido à criminalidade - segurança privada.

Ela, responsável pelas vendas e em sua ansiedade, não se deu conta que ele, responsável pelas finanças da empresa, estava praticando inúmeros desvios de verba da empresa. As dívidas aos poucos começaram a chegar e a receita, que aparentemente era menor que as despesas devido aos desvios, em poucos meses a falência e o endividamento se instauraram.

E o marido precisava dar respostas. Mas como em outras situações, com bom papo simplesmente evaporou, depois de viagens, promessas, dívidas e problemas. Empresa fechada, tendo que começar de novo, renda mais baixa, apartamentos vendidos, filho com os avós.

Ansiedade altíssima, buscou aporte na religião, tentando abrir negócio até com pai de santo, tentando fugir de seu passado, em um círculo vicioso. Resolução temporária. Depois de um tempo trabalhando em outra área, restou tentar buscar a paz perdida: voltar ao interior. Lá abriu outro negócio...

A ansiedade nos tortura, nos aplica golpes dos quais não conseguimos nos recuperar. Acabamos por sucumbir aos seus prazeres estonteantes, definidos pela pressa, no dilema “amanhã posso não estar mais aqui”, vou aproveitar agora.

Não temos tempo para nós mesmos, não nos damos tempo.

Porque a calma nos deixa aflitos?

---

---

---

*“Se você odeia uma pessoa, odeia alguma coisa nela que também é parte de você. O que não faz parte de nós não nos incomoda.” (Hermann Hesse)*

## **Sim, a culpa é dos outros**

Ela, no auge de seus 26 anos de idade, criada sendo um “milagre” de Deus, devido a uma mazela respiratória da infância, recebe tudo o que pede. É criada como se fosse uma princesa, sendo servida por uma escrava, tendo seus desejos satisfeitos. Nada pode afetá-la. Lembra nitidamente as rainhas egípcias ou gregas da antiguidade, sem contato com a realidade, achando-se a mais linda de sua época.

Se exposta à realidade, não tem noção do que pode fazer, espera que outros digam, pois nunca passou ou aprendeu com as dificuldades, mas aprendeu os subterfúgios teatrais das emoções. Possivelmente as novelas foram fiéis professoras.

Sim, a culpa é dos outros.

Inicia um curso de qualificação profissional, mas não consegue acordar pela manhã para frequentar o mesmo, pois é pago por outros. Começa a trabalhar, mas não consegue chegar no horário e cria a narrativa de que as colegas invejosas a incomodam demais. Assim não bate metas e ganha pouco.

Sim, a culpa é dos outros.

As relações afetivas são de curta duração, pois não tem o compromisso consigo, como poderia ter com alguém? Mas promete

---

para si que vai dar certo. Por quanto tempo e como, é uma incógnita. Entra em ritos religiosos, buscando algum aporte e sentido. Isso lhe dá mais confiança para se sentir superior a outros, pois teria assim o apoio de seus “guias” espirituais. Tempo depois, a própria líder da casa a expulsa por comportamento indefinido. Entra em uma igreja evangélica.

Só por Deus.

Entra em outro relacionamento. Ele acaba acreditando nela e em sua mudança. Noiva, ela faz parte de uma religião em que seus guias são os mais poderosos. Ele entra junto, tratativas de casamento, ele dedica tempo e dinheiro para ver esta realização. Viajam pela América Latina, em lua de mel prévia, ele pagando antecipadamente. Casa sendo construída.

Ao ser questionada sobre seus avanços em trabalho e estudos, entra em “depressão profunda”, acusando quem está próximo – fora a família – por sua incapacidade de compromisso consigo mesma.

Sim, a culpa é dos outros.

Casa quase pronta, não quer mais ver o noivo devido a suposta depressão que apareceu repentinamente. Ele é o problema. Precisa buscar aporte, buscar alguém que lhe dê algum prazer na vida. Um ex seria a saída? Sim... assim foi. O ex passa a ser o “marido”, vai morar com ela na nova casa. Mas antes ela deve se livrar do outro, do noivo, que ainda paga as contas. O ex passa a ameaçar o noivo. Este a processa, para ter algum retorno da casa que estava pagando para o casal morar. Na justiça, ela querendo obviamente ficar com o imóvel, passam a fazer um acordo de pagamento mensal ínfimo em 6 anos, que ela não cumpre. Reaparece para eme um ano depois, dizendo

---

---

---

que teria errado, achando que poderia voltar com o noivo e tudo certo. Mas quem bate não percebe o que faz.

Continua pagando a dívida por alguns meses, mais nada. Surge anos depois dizendo que teria pago tudo. A relação com o ex, após violência doméstica, durou 6 meses.

Sim, a culpa é dos outros.

\*\*\*\*\*

*“A verdade é o erro que escapa do engano e se alcança a partir de um mal-entendido” (Lacan)*

## **O irracional cotidiano**

Não pensamos mais em nós e em nossa realidade com criticidade. Vemos o outro, não a nós mesmos ou nosso próprio quintal.

Às vezes pergunto aos alunos: é mais fácil falar do outro ou de vocês mesmos?

A resposta é sempre a mesma:

- Dos outros!

Não se percebem os próprios problemas, mas existe considerável empenho em perceber os do outro, julgando entendê-los. Ocorre uma intromissão na vida do outro, sem entender a própria vida, atentos ao que o outro expõe, faz ou publica, e acha-se

---

que conveniente julgar ou criticar. É a fundamentação da fofoca, das *fake news*, da falsidade, da ignorância.

E nesses julgamentos, nossa vida vai sendo moldada. Desde a infância somos julgados, caracterizados, iludidos, titulados, às vezes elogiados, e assim nossa identidade vai se formando e se estabelecendo. A vida adulta vai levar sempre consigo os reflexos dessa identidade inicial. Com isso, existe a possibilidade de se sentir menor, igual ou maior que os outros.

Às vezes uma palavra de alguém em que se confia já pode fazer considerável diferença para a vida toda, positivamente ou negativamente – veja bem: negativamente também. Mas sendo positiva, faz uma diferença considerável ou até determinante muitas vezes. Aquele

- “Vamos! Tu consegue! Tu pode!” ...pode fazer milagres para toda a vida.

Por essas nuances nossa mente é complexa. Nossa “nuvem cerebral” é de uma complexidade tal que até a psiquiatria tem muitas incertezas. Como alguns autores dizem inclusive: em um mundo de diferentes, como podemos achar que algo é igual? Que algo é efetivamente o que pensamos do outro? Às vezes nos enganamos até ao pensarmos algo de nós, de nosso corpo ou das situações ao redor... imagine dos outros, que caminham ao nosso lado, que moldam nossa identidade, que acabam por dizer o que e como somos.

Mas... não devemos pensar muito!

---

---

---

O sistema já cria com voracidade novos “**formadores de opinião**”. Estes têm a tarefa de pensar e falar pelos outros sujeitos. Até por uma necessidade destes, pois a partir do momento em que existe a dificuldade de interpretar os fatos, espera-se que alguém o faça, não importando se este alguém evoluiu efetivamente nos bancos escolares, ou somente tem uma titulação criada a partir de suas atividades, sem legitimidade. Quanto mais ênfase e títulos este se der, mais acreditam nele, sem questionar, sem verificar a veracidade do que ele diz que é, ou do que fala. E assim, no amplo discurso, tem muitos livros vendidos, vídeos veiculados, entrevistas cedidas e assim é dada a ele a legitimação midiática de ter razão sobre tudo.

E o pior! Contam mentiras bem elaboradas com ênfase de verdade, para se promover e assim vender palestras e livros, e 80% acredita e divulga, “viralizando” certas opiniões na internet.

O Sol muda seu eixo e passa a orbitar em volta desses personagens.

Mas se formos pesquisar sobre eles e ver o que efetivamente fizeram, sua real formação ou o que continuamente afirmam, vamos descobrir que são falácias, fraudes, mentiras e ainda se dizem portadores da verdade quando não existe comprometimento com a mesma, mas só a sua verdade, inventada. Por incrível que pareça, tem muitos por aí, para nossa infelicidade.

\*\*\*\*\*

---

*“Há coisas que ainda não são verdadeiras, que, talvez, não tenham o direito de ser verdadeiras, mas que poderão ser amanhã”*  
(C. G. Jung)

## **Quero mostrar aos outros**

No Brasil, criou-se ainda uma necessidade por camionetes e carros grandes só por *Status* que precisam de duas vagas para estacionar, duas vagas no trânsito, atravancando mais ainda a fluidez, sem falar nos custos de combustível. Estas, que na minha época eram para o campo, para a lavoura. Qual será a necessidade nas cidades? Nunca entendi. Em outros países são proibidas pelo tamanho. Aqui no Brasil, é uma modinha para quem quer mostrar mais ostentação.

Acho que a verdade ilusória das propagandas é eficaz. Já os carros menores e econômicos, usados na Europa e Japão, aqui são caríssimos. Parece-me a mesma situação que iniciou na década de 1950, com a substituição de importações<sup>5</sup>, em que já se financiou a vinda de grandes empresas (dando subsídios, isenção de impostos e infraestrutura) e assim era produzido no Brasil para exportação, não para o mercado interno. Já o mercado interno, com as pequenas e médias empresas definhando em impostos. Política essa adotada até hoje, sendo discurso em campanhas políticas.

- Vamos atrair investimentos para o Brasil!

Pregando-se o crescimento econômico, não o real desenvolvimento... e a população pagando essa conta a décadas,

---

5 Substituição de importações: não se importa, se “favorece” a vinda de grandes empresas com incentivos fiscais (isenção de impostos), infraestrutura e subsídios, tornando-se muito lucrativo para os que vem ao país.

---

---

com um endividamento absurdo, chegando-se a pegar emprestado de bancos internacionais para financiar a vinda de empresas que remetem seus lucros para suas matrizes.

Assim, o fornecimento para o mercado interno acaba ficando mais caro, pois além de impostos, temos que pagar royalties<sup>6</sup> e taxas.

Sempre ouço a pergunta:

- Como a gasolina no Brasil é tão cara se o Brasil exporta petróleo?

- Não exportamos, pelo contrário: importamos, ainda mais com a frota do Brasil que aumentou por volta de 50% nos últimos anos.

Então se o consumo aumentar, sem uso de transporte coletivo, óbvio que vai ficar mais caro.

Deve-se salientar que o Brasil nunca foi autossuficiente em petróleo. Importamos por volta de 30% do consumo e consumimos no total 40% a mais que a dez anos atrás<sup>7</sup>, por isso o aumento é proporcional ao aumentar o dólar. Quando este aumenta, aumenta o preço dos combustíveis, do frete em geral<sup>8</sup> e inclusive do nosso pão de cada dia, pois importamos o trigo que consumimos devido ao clima não propício do Brasil (o trigo requer um clima mais frio, assim importamos dos EUA e Argentina).

6 É o pagamento do direito de uso de determinada marca, substância ou tecnologia.

7 Os dados são do Anuário Estatístico da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

8 O transporte de cargas do Brasil é rodoviário, apesar do tamanho do país, tornando-o demorado e ineficiente a um custo elevado. Países do tamanho similar e menores que o Brasil usam transporte ferroviário como matriz, diminuindo os custos de frete.

---

Aí, a pergunta que fica: quando o dólar baixa, baixam os preços igualmente?

\*\*\*\*\*

*“Amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer” (Lacan)*

### **Que bom! O outro está pior...**

Vale a citação introdutória de um filme:

*“...o que tem o fogo...? Ele é tão calmo, tão tranquilo..., mas por dentro é só poder e destruição. Ele esconde alguma coisa... assim como as pessoas... as vezes, temos que nos aproximar para descobrir o que tem dentro. Às vezes, temos que nos queimar, para enxergar a verdade.”(Tekkonkinkreet de Taiyō Matsumoto)*

A realidade é que as pessoas são incógnitas: os valores, as verdades, as concepções são diferenciadas, pois cada experiência estabelece em nós, nas outras pessoas e neles próprios, uma ideia diferente das coisas, caracterizando considerável complexidade. É preciso se aproximar, para enxergar quem as pessoas realmente são. E mesmo assim, ocorrem surpresas substanciais.

É visível a desconexão do ser humano com sua essência, seu centro, quem ele efetivamente é. Assim, descentrados, somos influenciados mais facilmente por qualquer força externa. Em alguns casos, o sujeito se aliena tanto que sente a necessidade de receber ordens diretas, subordinando-se de tal maneira que passa a ser um simples objeto do outro, sem poder contestar ou ter observações

---

---

---

diferentes. Se assim o fizer, pode resultar em violência, como pode-se constatar pelos “ismos”<sup>9</sup> por aí.

Esse processo é mais visível no ocidente, onde só se pensa no ter, nunca no ser. Se espera que algo venha a nosso encontro, espera-se adotar as ideias de outros, ideologia de outros, papéis de outros. Nos afastamos de nós mesmos!

Esperamos o que vai dar na TV, qual a nova moda da novela, o que deve-se seguir, acreditar. Estamos inclusive habituados, e até acostumados com o catastrofismo, com o dar errado...

- Nossa, você viu aquele assassinato?
- Sim, que horror...
- Temos que nos cuidar ao sair na rua!
- Sim, só aparecem tragédias na TV.
- Nem mais conseguimos sair de casa...

Percebe-se que a exceção, passa a ser regra. Um único caso passa a ser “senso comum” e a TV aberta se empenha em passar aquele caso várias vezes durante único dia. E muito do que vivemos dia a dia, são consequências das exceções, às vezes até estabelecidas como leis.

Igualmente na saúde: ocorre um único caso de uma patologia já “dizimada” em outras épocas e ouvem-se questionamentos:

- Será uma nova epidemia?
- Já tem vacina? Eu quero!
- Essa doença não existia mais!
- O fim do mundo está próximo!

9 Ismos: machismo, feminismo, racismo, homofobia entre outros.

---

E estes vão para a mídia, colocando a situação como catastrofismo real, a partir de uma exceção (ebola, sarampo, varíola, as várias cepas da Covid, entre várias que ainda vão aparecer). Aqueles “formadores de opinião”, para sua autopromoção em certo momento dizem:

- Mas então a população deve ser vacinada urgente!

Pronto.

Passa a ser criada nova vacina para “imunizar” toda a população ou uma faixa dela, sem necessidade, sem os devidos testes, às vezes sendo mais prejudicial que a própria doença, por seus efeitos colaterais, obrigando o sujeito a fazer uso de outros medicamentos para combater estes efeitos, em um ciclo que não acaba facilmente.

Assim, quem ganha?

Será efetivamente a população com melhor qualidade de vida, ou não passa de um mero discurso lucrativo para todo um segmento, fomentado na falsidade de informações?

\*\*\*\*\*

---

---

---

*“O melhor trabalho político, social e espiritual que podemos fazer é parar de projetar nossas sombras nos outros” (C. G. Jung)*

## **Não quero saber!**

A falta de consciência é uma regra. Reclama-se de quase tudo, mas não existe a coerência do sujeito se colocar no papel social ao qual está inserido. A culpa é dos outros.

Inúmeros exemplos poderiam ser citados: os engarrafamentos, os alagamentos, os problemas da cidade, a corrupção na política, os atos violentos, as eleições, a falta de emprego, a educação... percebe-se que todos os aspectos têm algo em comum: a culpa é de alguém. Mas buscar soluções individuais é custoso, requer dedicação, requer análise de sua própria vida.

É melhor ficar reclamando, e dizer que o governo deve ser “provedor” e ao mesmo tempo, o culpado.

Mas, se analisarmos com mais atenção, podemos verificar que esse processo se estabelece desde o sistema colonial, em que os “brasileiros” esperavam pela metrópole e por Dom Pedro para qualquer decisão ou até pensamento.

Por outra análise, pode-se dizer que a partir da situação do suposto não saber, ocorre uma isenção de responsabilidade e culpa: se eu não sei, não posso fazer, não posso ajudar; logo, não quero saber. Isso é perceptível em muitas situações em nosso dia a dia.

Em um dos meus ofícios, eu necessitava de relatório de alunos impressos para uma reunião, que um setor específico deveria

---

imprimir. Uma tarefa simples, em um software também sem muita complexidade. Solicito ao responsável a impressão, ele me fala:

- Eu não sei como imprimir!

O indivíduo trabalhava ali, naquela mesma função, fazia pelo menos 1 ano.

- Nunca tentou aprender com quem sabe?

- Não... a função não é minha.

- Mas como assim, não é função da secretaria imprimir relatório de alunos ou chamadas?

- Não sei.

- Então solicita ao colega que sabe!

Isso foi em uma escola privada, em um software básico para consultas e inclusões, diariamente fundamental para o setor. A falta de proatividade é um grande problema: nas empresas, na sociedade, em sua própria vida.

O “esperar que alguém faça” é corrosivo, sendo a alienação propriamente dita.

Mas ao mesmo tempo é uma maneira de não se responsabilizar por nada, nem pelo seu próprio trabalho ou sua função. E como se encontram sujeitos assim por aí. Poucos meses depois, foi demitido. Queria sê-lo.

\*\*\*\*\*

---

---

---

*“A educação é aquilo que sobrevive depois que tudo o que aprendemos foi esquecido. (Skinner)*

## **Pedagógicas!**

Terceira semana de aula, em um curso EJA Médio, na faixa etária de 18 a 60 anos, centro de Porto Alegre, após inúmeros conceitos geográficos básicos, o professor achando que estava estabelecendo relações orais entre os conteúdos e a realidade, em um possível entendimento da terra, com seus movimentos, suas interferências no clima, economia e determinações físicas e econômicas. Uma aluna observa:

- Não to entendendo nada, professor!

- Que parte não entendeu?

- Tudo!

Quando o aluno fala “tudo” é o pior pesar do professor, pois não diz nada. Tento mais detalhes, para efetivamente saber qual a dúvida:

- Mas alguma coisa deve ter ficado em dúvida, tenta explicar.

- Não sei!

- O que não sabe nesse caso?

- Tu não dá matéria, não copieei nada! Como vou estudar depois?

A necessidade de copiar sem entender nada, é antiga. Era – ou é, para muitos – necessário decorar tudo o que se escrevia, e as avaliações eram uma cobrança da decoreba, não o que o aluno realmente entendeu ou interpretou do conteúdo que foi visto em aula.

- 
- Mas tu não tem o polígrafo?
  - Sim, mas não to vendo onde ta a matéria.
  - Página 1.
  - Mas não to vendo!
  - Qual o conceito estamos trabalhando?
  - Maritimidade. Eu sei, mas não entendi!
  - Ta! Vamos partir do princípio. Pensa: por que tu vai pra praia no verão?

- Não sei! Ai, “sor” eu tenho que copiar! Sou burra...

Qual seria a causa desse processo? A incapacidade de leitura e interpretação, ou a incapacidade de ver e observar o mundo com seus próprios olhos? As duas situações, possivelmente. A dificuldade de estabelecer relações é evidente. Interpretação então nem se fala.

Como ela poderia ver a novela ou a TV e não acreditar que seria efetivamente a verdade? Por isso a propaganda é tão eficaz no Brasil. A manipulação ideológica é bem eficaz por estes lados em que mais da metade da população votante tem ensino fundamental completo.

Voltando ao caso, apesar dos protestos e o “climão” posterior, com os inúmeros exercícios e explicações frequentes da importância de saberem ler, escrever, entender e interpretar, a aluna começa a mudar seu ponto de vista e começa a entender a matéria e os porquês! Depois de uns bons meses, claro. Até começou a escrever melhor, concatenando ideias melhor.

Ao fim do período letivo, a mesma que carregava inúmeros conflitos e dúvidas, em uma evolução visível, vota no professor para seu paraninfo, e faz uma efusiva homenagem pública. Interessante

---

---

---

que com o tempo, quanto mais coloca-se dúvidas e possibilidades, mais se desfazem as certezas em conceitos depreciativos pré-moldados.

Já em outro caso, em outro colégio, uma aluna, com uma certa dificuldade de passar nas provas de recuperação, neste caso Eja EAD<sup>10</sup>:

- “Sor”, não sei o que faço, não consigo ir bem.

- Olha só, tem que estudar um pouco, pelo menos ler com atenção, não ficar pensando se existe vida nas luas de Júpiter durante a prova...

- Eu sei “sor”, mas não consigo...

- Mas tem que tentar... exercitar antes com os exercícios do polígrafo.

- Aiii! Pra que? Eu já sou gostosa... não preciso disso!

O professor, pasmo com a resposta, medita sobre a real importância de ter estudado para dar aula para quem simplesmente necessita e deseja ser manipulado ou “mandado”.

E estes justamente se denominam “livres”, supunham que ninguém os coordena, pois podem decidir o que querem consumir e em quem votar nas eleições, sendo o horário político e o Big Brother, uma fonte de instrução e inspiração.

Deplorável.

---

10 Nesse caso, no EJA EAD são por volta de 5 aulas presenciais somente, nas quais o aluno deveria ler e estudar por conta e fazer a prova ao final dos períodos presenciais.

---

---

Outra situação similar é a polêmica que se criou sobre o “direito” que as meninas deveriam ter para usar short curto em aula.

Interessante como lutam por direitos sem coerência.

Não lutam para que a educação seja melhor, não lutam para aprender a escrever e falar direito, não lutam para interpretar sua sociedade.

Lutam para andar semi nuas, para se mostrar na moda como objetos de consumo, com seus dotes físicos e sexuais, mas não intelectuais. Seu aprendizado não importa.

Se reproduz assim a alienação já característica.

Interessante analisar que as que menos se expõe, que menos querem chamar a atenção, melhores notas acabam conseguindo ao fim do período letivo.

\*\*\*\*\*

*As neuroses são determinadas pela história de amor do indivíduo. (Freud)*

## **Quase não é nada!**

Andando pelo centro de Porto Alegre, é interessante abrir os ouvidos e escutar algo além do movimento dos carros, o que está à nossa volta. Ouvem-se coisas extraordinárias. O mais engraçado são as briguinhas de casais. Em um dos últimos casos, casal descendo a rua de mãos dadas:

Ela repentinamente, em um ímpeto;

---

---

---

- Aí, quer saber? Não tô mais afim, vamos parar por aqui! Tua mãe não me atura, não vou com a cara dela...

- Amor, por que isso de repente?

- E outra: tu não me assume!

- Como assim? Eu faço tudo pra ti... pago tudo pra ti!

Sinaleira fecha, a discussão atrás de mim continua...

- É isso! Tu não me assume! O que eu sou pra ti? Eu vou dar na cara de tua mãe uma hora.

- O que tu tá dizendo? Tu é quase minha esposa!

- Quase não é nada!

- Mas eu te amo! O que tu quer? Que eu fique inimigo de minha mãe?

- Tá!... (segundos) Olha só... lembra aquela blusa que vimos ali na loja? Compra pra mim?

- (silêncio) mas tava muito caro.

- Tá e aí??

- Tá bom... vamos lá.

E voltam no sentido da rua que vieram... pelo visto, ela conseguiu.

Abre a sinaleira, e continuo meu caminho. Às vezes tenho a graça de ouvir essas pérolas em plena rua. Realmente, a manipulação ideológica é efetiva, não somente por meios midiáticos, mas nas relações diretas. E o assumir tem uma entonação de machismo consentido: para ela, seria importante ele a assumir no sentido de tê-la sob seu domínio, como um objeto, como relação de dominação.

---

Sem falar no sexismo<sup>11</sup> e na posição de objeto ao qual muitos se propõe aceitando e depois, quando ocorre alguma fatalidade, a culpa é do outro.

Em outro caso, eu voltando do almoço - faço o percurso a pé para o trabalho - passava por uma moça falando ao telefone:

- Pedi demissão!

- Como assim, o que vou fazer agora?

- ahh! Não era o que tu queria?

- Agora vou ficar só “socada” dentro de casa, e tu que te vire, bem como tu queria! Vou servir só pra cama.

- Como assim e tu? Tu te vira colocar comida pra dentro de casa. Ainda queria ter filho? Agora te vira trabalhar.

- Vou é te largar e cuidar de minha vida, isso sim...

Era um monólogo e não tive ouvidos para a continuação pois me distanciava do ocorrido. Mas percebe-se a aceitação da subordinação. Não existe o objetivo da autonomia, mas uma tentativa de manter o status de machismo e aceitação, sem contestação.

\*\*\*\*\*

---

11 **Sexismo** ou discriminação de gênero é o preconceito ou discriminação baseada no gênero ou sexo de uma pessoa.

---

---

---

*“A verdade só pode ser dita nas malhas da ficção” (Lacan)*

## **Tu não tem “filhos”?**

Uma das coisas que sempre ouço de meus alunos, quase em toda sala de aula, em todo o semestre, é porque não tenho filhos. Outra pergunta frequente era porque não tinha carro. Chegava a ser cansativo. Percebe-se que existe a necessidade – do que é senso comum – de colocar em uma caixinha o que todos devem seguir, todos devem sofrer ou ter as mesmas dificuldades. Se alguém toma decisões erradas, o outro que não as tomou e se deu bem, deve ser invejado.

Se não tenho o que todo mundo tem, ocorre certa discriminação, na qual transmite a impressão que se a pessoa tem dificuldades, o outro também deve ter, deve se endividar, deve viver escravo das contas, deve viver em função de carro e filhos. Não é necessário morar melhor, ter certo conforto; deve-se mostrar aos outros que tem carro – quanto maior melhor – e filhos. Não importa em que condições serão educados ou se podem estudar posteriormente. O que importa é mostrar aos outros.

Qual é o objetivo de vida de cada um?

Por acaso o objetivo de todos seria ter filhos?

Nas novelas, o capítulo da felicidade total de todos é no final. Neste, esta felicidade se resume a casamentos e filhos. Esse processo passa a ser uma necessidade no inconsciente coletivo, é considerado como regra. E se o casal está feliz namorando, já vem aqueles:

- Quando vão casar?

---

Parece que querem ver o casal sempre brigando.

Se o casal está casado, curtindo, viajando, vem sempre aqueles:

- Tá, e os filhos?

Para muitos, parece que a vida se resume em 3 passos padrão:

1. Namorar;
2. Casar;
3. Ter filhos.

Poderíamos chamar este de padrão novela, pois é o que passa para a “massa”. Engraçado que dentro daquela caixa chamada TV, que transmite imagens de cotidianos onde poucos trabalham, ninguém estuda, poucos tem dificuldades. Sacanagem, mau caráter e fornicção é uma constante.

É como o Mito da Caverna de Platão, em que a TV faz o papel de fundo da caverna, mostrando uma realidade parcial e sem cores. No qual a verdade está longe daquele reflexo. O sujeito tem que fugir das amarras para ver a realidade. Quando volta, é morto, pois o chamaram de louco e sua insanidade poderia ser epidêmica<sup>12</sup>.

12 Para Platão, a caverna simbolizava o mundo onde todos os seres humanos vivem, enquanto que as correntes significam a ignorância que prendem os povos, que pode ser representada pelas crenças, culturas e outras informações de senso comum que são absorvidas ao longo da vida.

As pessoas ficam presas a estas ideias preestabelecidas e não buscam um sentido racional para determinadas coisas, evitando a “dificuldade” do pensar e refletir, preferindo contentar-se apenas com as informações que lhe foram oferecidas por outras pessoas.

O indivíduo que consegue se “libertar das correntes” e vivenciar o mundo exterior é aquele que vai além do pensamento comum, criticando e questionando a sua realidade.

O Mito da Caverna mantém-se muito contemporâneo nas diversas sociedades ao redor do mundo, que preferem permanecer alheios ao pensamento crítico e aceitar as ideias e conceitos que são impostos por um grupo dominante, por exemplo.

---

---

---

Sem falar na ideia consenso de que se o sujeito sofre pra manter ou ter filhos, excesso de gastos, entre outros, todos devem passar por isso.

E chega-se a ouvir:

- Como tu é egoísta!

- Mas não seria o contrário?

Sacanagem é colocar alguém neste mundo sem aporte, sem ter a devida estrutura, fadado ao sofrimento. Sem falar nas dificuldades que temos em nossa cidade quanto ao custo de vida, de segurança, respeito, entre outros.

E o crescimento pessoal, e o desenvolvimento como ser “humano” onde fica? Parece coisa animal, instintiva: cortejo, fornicção, filhotes. Mas esse processo de mudança de mentalidade, consciência e desenvolvimento é difícil, porque deve-se pensar na realidade, ter uma análise crítica, ler um livro as vezes é fundamental, bem como sair da ditadura do Facebook.

E quanto menor o nível cultural e econômico, mais o processo de ter mais filhos é evidente. Quanto mais filhos, maior a dificuldade de pensar na própria vida.

Em uma pesquisa que fiz sobre fecundidade para uma pós-graduação, fui a uma vila de Porto Alegre perguntar para as “crianças” de 13 anos porque tinham filhos tão cedo. Nessas pesquisas, tenta-se ir com isenção de ânimos, para tornar os resultados mais fiéis. Fui determinado a ouvir e gravar para depois transcrever. Entro na casa, quase um casebre, 3 crianças brincando, e

---

a filha estava chegando da escola, grávida, e iria largar os estudos (6ª série), já que ia “parir” a criança.

Pergunto para a mãe:

- Com que idade engravidou a 1ª vez?

- Fui mulher aos 13 anos.

- Até que ano estudou?

- Meu filho, se me lembro, foram uns poucos anos quando criança. (4ª série, possivelmente). Tinha que ajudar a cuidar dos irmãos pois a mãe trabalhava.

Ela me fala que a filha iria ter que parar de estudar também, como ela, pois teria que cuidar do filho e irmãos, pois trabalha de empregada doméstica e serviços gerais.

- Minha filha tem que ser alguém, tem que ser mulher! Agora ela tem um homem (guri de 16 anos) que “coloca comida na mesa”, ela tem que valorizar.

Pergunto se pegam medicamentos no posto de saúde, ou anticoncepcionais.

- Pego com uma vizinha que retira pra mim no posto.

Ela alega que tem que cuidar dos filhos, não tem tempo.

Outra vizinha retira os medicamentos para ela?!

Tento insistir nos anticoncepcionais, mas não houve entendimento. Portanto, não sei se ela faz uso ou não, e não era esse o objetivo da pesquisa.

Percebo que é um ciclo vicioso, a exemplo do “mito da caverna”: a gravidez precoce é hereditária, sendo que a mãe usou os mesmos recursos, o mesmo modo de pensar, na ânsia de que a menina se

---

---

---

sinta valorizada, se sinta mulher e assim tenha um papel mais efetivo naquela comunidade e não seja a “dadinha” da turma.

A ideologia nessas comunidades é a de que o homem tem que trabalhar e manter a mulher, e esta deve se ocupar das atividades domésticas, deve ser uma mãe devotada e dona de casa eficiente. Elas se orgulham da maternidade.

No caso a mãe quase na mendicância, com 8 filhos. Vai me contando suas dificuldades, problemas com os filhos, asma, gripes, outras sequelas. Comenta que ter filhos é difícil, não é bem assim como muitas pensam. Comentou:

- Então, só criar estes e pronto, não vai ter mais...
- Vou ter, vou dar mais um pro meu marido, ele quer...
- Sério?
- É uma coisa que eu sei fazer muito bem!

Fico pensando quais seriam os valores que a filha vai levar como verdades para sua vida.

Voltando aos anticoncepcionais, tenta-se orientar como fazer uso nessas comunidades, mas é complicado. Assistentes sociais e o PSF (programa de saúde da Família) tentam orientar mães que com 25 anos tem 5 filhos ou mais, mas os resultados dizem que são escassos. A interpretação do que ouvem é deficitária e assim, as ações decorrentes são as vezes catastróficas.

Usar a pílula para “imunizar” toda a família colocando na feijoada não é o melhor dos usos. Bem como usar só na hora do ato, como artefato de sexshop também não é aconselhável, por exemplo. E achar que camisinha é simpatia, (colocando no cabo da vassoura e jogando em um canto antes do ato) é pior ainda. Isso porque as

---

assistentes usavam para demonstração do uso da camisinha a ponta do cabo da vassoura, não um membro de borracha (talvez fosse mais eficiente).

\*\*\*\*\*

*Antes de diagnosticar a si mesmo com depressão ou baixa autoestima, primeiro tenha certeza de que você não está, de fato, cercado por idiotas. (Sigmund Freud)*

## **Falando em sustentabilidade**

Interessante viajarmos para outras paragens e perceber como a cultura e os costumes se alteram e se diferenciam e agregam novos conhecimentos. E com isso, damos um “reset” em nosso dia a dia, o qual acho de fundamental importância. Se desligar, sair do comum, não usar o celular e se for o caso de ver TV, está transmitindo programas locais. Com esse processo vemos que nossos discursos, sejam políticos ou culturais, são por vezes parecidos, mas em outras com um certo cinismo.

Um exemplo é a sustentabilidade e preservação ao meio ambiente. Há alguns anos, não existiam por aqui (Brasil/RS) sacolas plásticas. Eram sacolas de papel ou de tecido, bem como garrafas de vidro, retornáveis. Sustentáveis, menos lixo, a vida marinha não sofria. Mas surgem as sacolas plásticas e garrafas Pet e são a salvação da natureza humana predatória.

---

---

---

Anos depois, fala-se que devemos usar outro insumo – sacolas retornáveis, de papel ou tecido, pois ocorre excesso de lixo, desequilíbrios climáticos e a vida marinha está sofrendo. Mas porque não se suprimem as mesmas e cada cliente não compra a sua no mercado, a preços simbólicos também claro, afinal vai diminuir seus custos igualmente?

É um exemplo de um discurso vazio, cínico.

Falta consciência, que é definida pela educação. Ocorre o seguinte pensamento: não afeta diretamente a sua vida, não é visto, assim não tem importância. O mundo ao qual o sujeito está inserido não importa, ele não está neste planeta. Mas um novo planeta está pronto para ser explorado: Marte.

Na última cidade ao Sul da América, não se usam sacolas plásticas nos mercados. Se o indivíduo não leva algum recipiente para levar suas compras, ele tem duas opções: ou leva nos bolsos, ou compra uma sacola a R\$ 2,00 e ninguém reclama. Aí torna-se visível a conscientização. Aqui, fala-se em sustentabilidade, mas queremos sacolas plásticas?! Nos iludimos, ou temos muito espaço para colocar o lixo que demora séculos para se decompor?

Mesma situação é falar em sustentável a caça predatória. É um discurso, não a realidade. Em uma reportagem sobre a caça “turística” na África do Sul, onde o turista paga uma licença para poder caçar elefantes, búfalos, girafas e o que aparecer pela frente, dizendo que é sustentável, para manter a superpopulação de animais, e alimentar os famintos na região, no caso a Tanzânia. E o melhor: usam os valores auferidos das licenças para criar infraestrutura para as populações locais. Esse é o primor do falso

---

discurso. Enquanto o equilíbrio natural entre predadores e presas se desfaz.

Será que ensinam a aquelas populações a usar anticoncepcionais, e assim não teria tantos famintos na região, e a justificativa para a caça seria outra? Será que ocorre contagem de animais para definição de superpopulação?

\*\*\*\*\*

*A percepção do desconhecido é a mais fascinante das experiências. O homem que não tem os olhos abertos para o misterioso passa pela vida sem ver nada.*  
(Albert Einstein)

## **Antagonismos**

Voltando-nos para o extremo Sul da Argentina, em uma viagem de alguns dias, algumas percepções ficaram interessantes, fora as paisagens peculiares, o frio, a calmaria. Claro, tem algumas coisas não tão positivas quando encontramos conterrâneos. Gente aos gritos, querendo chamar a atenção: brasileiros. Lixo “esquecido” no chão: brasileiros. Entre outras situações.

Mas às vezes, achamos que aqui as coisas estão caras. Sim, estão realmente, sendo que o Brasil é um grande exportador de gêneros alimentícios de todo o tipo. O café por lá é mais barato, melhor qualidade e importado do Brasil! Já no Uruguai, gêneros alimentícios mais caros, inclusive o café.

---

---

---

Por aqui um vinho bom, varietal, custa a média de R\$ 25 a garrafa, uma água mineral no mercado, 500 ml, média de R\$ 2, em Ushuaia, chega a R\$ 8, convertidos. Já o vinho, garrafa 750 ml, R\$ 5,00 sendo o Malbec de uma ótima qualidade. Pena que não podia encher a mala com eles. Refrigerante e vinho são o mesmo valor.

Em Calafate, acontecia uma coisa curiosa, sendo a água cara e escassa: a cidade é de um clima árido, no meio “del Gran Chaco” quase nunca chove, devido aos andes que bloqueiam as massas de ar úmidas do oceano. A fonte de água da cidade é o lago Argentino, alimentado pelo degelo dos Andes. Até aí, entendível que a água fosse cara. Mas os jardins das residências, quase o dia todo, sendo irrigados. Mas não ocorre falta de água? Porque tão cara, se ocorre um desperdício perceptível? Falaram que é pelo transporte, vem de Mendoza a água mineral. Ata! Pode-se desperdiçar então... A saída é beber pouca água, somente vinho.

Em alguns países da Europa, é uma situação parecida. Às vezes produtos do Brasil são mais baratos lá, sendo aqui mais caros no mercado interno, como por exemplo o café e chocolate. Percebe-se assim a importância que se dá à exportação com o dólar alto. A economia do Brasil – PIB – se fundamenta consideravelmente na exportação de produtos da agropecuária.

Outra observação interessante é a importância que se dá para a história. Esta, é proporcional a capacidade de interpretar sua realidade igualmente, como já citado. Se não existe interesse na história, como pode-se entender de política efetivamente? Como pode-se interpretar a situação atual, sem analisar o passado?

---

Pare-me que é o predomínio da visão fragmentária, cartesiana, que até nesse aspecto tem suas nuances.

Aqui, não existe preocupação com os prédios históricos: são demolidos, para construir outra obra ou prédio, mais “novo”. Nos países vizinhos, constroem cidades internas nesses prédios, sem o pensamento de destruição.

Além das obras arquitetônicas, preservam-se as línguas antigas e os dialetos dos povos pré-colombianos como Argentina e Peru. Aqui as línguas imigrantes, por exemplo, são discriminadas, não sendo passadas de pais para filhos.

Aqui se derrubam árvores das vias públicas e do próprio quintal, na justificativa de que “atrapalham” o trânsito e fazem sombra. E se uma árvore cai em certa área, todas são cortadas, na justificativa que podem ser assassinas. Em outros países, são preservadas e deixadas em lugar de destaque, como decoração em grandes vias inclusive.

Parece que, como já mencionado, a capacidade de perceber possibilidades e a verdade está diretamente relacionada à capacidade de interpretação e a educação.

No Brasil, quase 68% de analfabetos funcionais, nos países citados, 10%. Parece que efetivamente a deficiência na educação é um projeto político, não um acaso da política, com o lema: *“deseducar para controlar”*.

\*\*\*\*\*

---

---

---

*Nós poderíamos ser muito melhores  
se não quiséssemos ser tão bons.  
(Sigmund Freud)*

## **Que viagens**

Mas quando faço algum relato de viagem, com frequência me perguntam:

- Como tu consegues viajar sempre?

- Sempre? Ainda diria que é bem menos que gostaria! O ideal seria dois meses de férias por ano, tendo recursos para isso! :)

- Me fala a receita pra conseguir isso, se pra mim não me sobra nada nunca!

- Tu tens carro?

- Sim.

- Os gastos mensais aí são consideráveis. Tem filho?

- Sim.

- É, torna-se um pouco inviável... só daqui a um tempo, quando o filho crescer.

Às vezes pareço um tanto ríspido, mas tudo na vida são prioridades.

Para fazer uma coisa, devo abrir mão de outra, até em nosso dia a dia, não tem jeito. Se o objetivo seria ter carro e ter filho, não se podem fazer outras coisas. Não cabe em nossa atenção ou orçamento, ainda mais quando requer planejamento e com poucos recursos.

Já quanto ao ter carro, sou bastante racional e meu objetivo na vida não é mostrar aos outros o que tenho ou deixo de ter. Ainda mais se não disponho de muitos recursos sobrando. Não é o status social que me move. Acho que todos conhecem alguém que não tem onde morar direito, mas tem carro, se possível um grande, para mostrar aos outros que supostamente pode, em uma contradição de

---

sua própria vida. Possivelmente estes estão muito mais endividados, implorando para que as contas os deixem em paz.

A praticidade, acho que é algo extremamente salutar. Deve-se ser racional. Por que gastar uma fortuna anual com o carro e sua manutenção, se posso morar perto do trabalho? Adapto minha vida às necessidades e mesmo assim ando estressado.

Convenhamos: às vezes pegar ônibus é ruim, mas... nem tudo é perfeito. Ler um bom livro no ônibus, dormir ou simplesmente pensar na vida durante a viagem são possibilidades que não são consideradas, mas igualmente importantes. Só lamento não termos trem. Sem falar que uma caminhada às vezes renova os pensamentos e o espírito.

“Em busca da satisfação pessoal, as pessoas procuram saída em coisas materiais. Você já fez as contas do custo anual de um carro zero contando seguro, depreciação, IPVA, gasolina e manutenção? Este valor aliado a outros cortes de gastos em itens supérfluos farão você viajar muito.

Faço minhas as palavras de um cara que vive viajando pelo mundo com poucos recursos:

*“Podemos voltar à questão das prioridades. Se você realmente deseja viajar para Paris no final do ano, você encontrará uma maneira. Claro que um bom planejamento financeiro se torna necessário, mas não quer dizer que você não conseguirá pagar esta viagem. Porém, para concretizá-la você precisará mudar o seu estilo de vida para economizar durante o ano. Pare de gastar nas coisas que você realmente não precisa: o modelo mais novo de celular, TV HD, balada no final de semana com seus amigos, comprar um tênis ou*

---

---

---

*roupa de uma marca famosa, ter o carro do ano e pagar todas as despesas para mantê-lo. Estas economias farão com que você tenha dinheiro suficiente para pagar a sua viagem no final do ano. Agora, se você não abre mão destas coisas durante o ano, realmente viajar não é sua prioridade e você pode ficar a vida toda no seu pequeno mundo.*

*Mas por que as pessoas não fazem isso? Acredito que o padrão de vida escolhido faz com que as pessoas se tornem escravas do seu próprio estilo até para mostrar para os outros que possuem um padrão de vida diferenciado. Afinal, uma viagem é um investimento imaterial e você não consegue mostrar na rua a sua última aquisição. Pare para pensar se você realmente precisa de todas as últimas tecnologias do mercado, ou se você precisa andar sempre com o carro do ano e vestindo roupas de marca. (Erick Stengrat: <https://mydestinationanywhere.wordpress.com/> em 17/12/2019). Isso foi na data citada. Mas ainda bem evidente, em 2023.*

\*\*\*\*\*

*“A ciência moderna ainda não produziu um medicamento tranquilizador tão eficaz como o são umas poucas palavras boas”  
(Freud)*

## **Todos são humanos**

A nossa educação é deficitária, seus problemas são profundos, estruturais. As gerações estão em conflito, a escola e a sociedade ultrapassadas em sua maneira cartesiana de ver o mundo. A pedagogia não se atualiza, os currículos estão fora da realidade, não se ensina que a sociedade é interdependente.

---

A educação – e o corpo docente e discente – mostram atitudes e comportamentos que revelam a reprodução do medo. Este é estrutural, não sendo facilmente superado, criam-se mecanismos para suposta proteção. Mas não seria esta escola que também deveria se preocupar com os valores necessários aos futuros pais conscientes? Se observarmos melhor, estamos inserindo nossas crianças a outros mecanismos de controle baseados igualmente no medo. O individualismo, a não solidariedade, aversão ao desconhecido, discriminação e violência não seriam consequências do medo, que muitas vezes os pais passam aos filhos?

O sujeito somente é cidadão se consegue interpretar seu contexto, bem como as informações que recebe de sua própria realidade. Atualmente esta não é relacionada com os conteúdos, mas com coisas separadas, como se o mundo do conhecimento fosse algo paralelo, distante, inútil para a vida do sujeito.

Esse processo deveria ser mudado e a escola realmente se empenha em ensinar as relações não as partições; a inclusão, não a separação, a interdependência, não o individualismo. Assim, até os programas sociais que tratam das consequências, não das causas se esvaziariam e se tornariam desnecessários, como o tal “crack nem pensar”, entre outros.

E pode-se salientar que dentro dessas partições estão os “ismos” como se não estivéssemos em uma sociedade interdependente, como se o outro não fosse um ser humano, mas algo separado, segmentado, e assim discriminado, pois é colocado em evidência. Um

---

---

---

problema não só no Brasil, mas no mundo todo, com Árabes, refugiados e imigrantes.

Perguntaram ao ator Morgan Freeman em uma entrevista sobre os radicalismos sociais nos EUA:

- Como é possível acabar com o racismo?

- Não falando nele.

Essa foi a resposta.

A partir do momento que a família e posteriormente a escola, ensinarem que **todos são iguais, estão na mesma sociedade** e todos são seres humanos em suas complexidades e diferenças, jamais a discriminação estaria em evidencia. Mas é criada uma espécie de segregação inconsciente ao colocar no foco e dar ênfase excessiva a certos conceitos prévios, como definir raça, cor e sexo. Claro, alguns dizem que é o contrário, mas não conseguem analisar o que ocorre inconscientemente, em âmbito coletivo, sutilmente.

Esse processo começa na primeira infância, com os pais, e depois se amplia na escola. Não se educa os filhos no intuito de mostrar que todos são seres humanos, com suas diferenças e suas emoções já a partir da família ampliando para a escola, mas criam-se leis para combater o Bullying, criam-se cotas para suposta inclusão, leis para não discriminação, entre outros.

Novamente se trata da consequência, não a causa, como ocorre com a medicina no país: trata-se a consequência com medicamentos ou cirurgias, não a causa do desencadeamento da doença ou sequela. Não se tratando a causa, ela sempre vai existir, inclusive para quem a teve alguma experiência do tipo.

---

*Você pode saber o que disse, mas nunca o que outro escutou.*  
(Jacques Lacan)

## **A difícil interpretação das emoções**

Mas falando em emoções, alguém fala delas?

Pode-se observar que não fomos educados para suportar as aflições e neuras de nosso cotidiano. Não conseguimos superar com facilidade as mazelas emocionais, que afetam todo o processo de ensino, aprendizagem e percepção. Os próprios professores são vítimas de um sistema que não enxerga o ser “humano” como um todo, e reproduzem essa vitimização, culpando alguém em todos os casos. Deveríamos ter um curso de educação emocional para qualquer idade. E psicologia como disciplina obrigatória na educação básica, em uma compreensão do pensamento e comportamento.

Assim, o saber ouvir, saber calar, saber perceber o entorno a partir de experiências ouvidas poderia ser uma rotina. As relações sociais seriam muito mais pacíficas, no mínimo, e isso seria repassado para fora da escola.

Quem não põe para fora seus traumas e pressões, um dia eles se colocam para fora em forma de doenças e sequelas. Assim como as pessoas querem e gostam de desabafar – não é um incômodo, mas uma necessidade – o ouvir torna-se fundamental, na oportunidade de aprender com as experiências do outro. Conseguir entender,

---

---

---

evitar conflitos, gerar confiança, dar opinião... desenvolve-se a arte da empatia e da tolerância com o próximo.

- Mas tu não me ouve!

- Como assim?

- É, quero falar e tu não me ouve.

- Vou pro Facebook!

Esse diálogo, já ouvido muitas vezes, expõe a necessidade e a aflição de falar, de colocar para fora as aflições. Se isso é negado, algumas pessoas ficam doentes, uns mais que outros. É também o “se livrar” daquela situação, partilhar. Essa partilha é similar aos compartilhamentos das redes sociais, nas quais os sujeitos se sentem impelidos a mostrar aos outros o que pensam, o que fazem, sua vida encenada. É uma maneira de desabafar, de falar, mesmo sem saber se aquilo é a verdade. Mas deve-se falar! E se ocorrem curtidas ou comentários, perfeito, está tendo reflexo, está teoricamente sendo ouvido.

A veracidade do fato, assim, é um mero detalhe.

Nesse contexto, pensando no assunto, encontro a frase:

**“Quem não controla o falar, não controla o pensar e, portanto, não domina o próprio existir.”** A citação reflete uma realidade muitas vezes conflituosa, reflexo da educação emocional.

Quando somos emocionalmente educados, conseguimos lidar e evitar situações emocionais espinhosas que, com frequência, resultam em discussões, fúria e agressões infligidas a outras pessoas. E desde crianças aprendemos que as emoções não devem ser externadas, mas contidas.

---

O ser “humano” só deve se preocupar em consumir, este é seu papel. Essa mensagem nos passam o tempo todo, o dia todo. Nossa humanidade acaba sendo abolida. Somos objetos em uma rede de relações de consumo.

Gerações, décadas, séculos em meio a névoa, a inconsciência e alienação do homem com suas emoções. A afetividade, a compreensão, o entendimento, a paz, a não discriminação, a não-violência não são obtidas por campanhas publicitárias, mas da maneira como são criados os filhos, com que ética, valores e caráter foram munidos na família, como salientam os autores Weber, Freud ou Winnicott.

Atualmente temos medo de tudo: dos opostos, da comida, da globalização, da Covid, H1N1, dos sequestros, roubos, do crime, da doença e também dos medicamentos, mas principalmente medo do outro, do próximo:

- Que horror! Estão matando um monte de gente por nada!
- Melhor nem mais sair para a rua, pode acontecer comigo.

Uma exceção, um único caso passa a definir as ações e comportamento das pessoas, como se fosse uma casualidade. Só sair para a rua, que estas imagens estão incrustadas na memória, e dá ênfase a esse catastrofismo. O medo nos estimula a assumir uma atitude defensiva, e nesta, damos ênfase a ele.

Os medos não tem raiz. Essa característica líquida do medo faz com que ele seja explorado política e comercialmente. Para os governos e o mercado, é interessante manter acesos os medos, e até estimular o aumento da insegurança. Assim devemos depender de especialistas, de formadores de opinião. Não temos como testar a

---

---

---

verdade que nos contam. Só nos resta acreditar que uma nova doença grave está se proliferando, que para isso necessitamos de medicamento específico, de um laboratório específico, entre outros casos. (Baumann, 2010<sup>13</sup>)

O pensamento coletivo – ou consciência coletiva - é fomentado pelas insinuações midiáticas. As falsas verdades coletivas são incentivadoras do medo individual, em uma manipulação ideológica eficiente, inclusive para o consumo.

O que se vê são verdades totalizantes, imediatismo e hedonismo e a mídia no papel de representação do mundo.

O indivíduo e as instituições como irônicas, cínicas, fragmentadas. As relações virtuais suprimindo as relações pessoais, não diálogo como regra. O que vemos assim é o sujeito se distanciando de si mesmo, e instituições como a família e a escola se mantém no fomento deste distanciamento.

\*\*\*\*\*

É uma espécie de manipulação ideológica para alimentar a ideia de que a culpa por nossos fracassos ou das catástrofes vem de fora, em um processo exógeno. E também o catastrofismo acaba por ser mais um sistema de aporte, na medida que ao perceber a tragédia de outros, não precisa buscar meios para melhorar:

- Estou muito bem, na mídia aparece alguém muito pior. Então vou me acalmar e me acomodar, pois poderia estar no lugar dele.

13 BAUMAN, Zygmunt. Legisladores e intérpretes: Sobre a modernidade, a pós-modernidade e os intelectuais, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

---

O risco desse processo, é que a “mídia de massa” coloca como se aquilo que aparece e é seguidamente transmitido é comum e normal, como se acontecesse em grande escala, baseado no medo.

E falando-se em medo, uma de suas nuances é o medo da rejeição. Muitas vezes percebe-se que o sujeito é “bonzinho” ou faz boas ações, só pelo medo de ser rejeitado. Parte da lógica que quanto mais agradar, menor a possibilidade de ser deixado ou trocado. Também é preciso ser aceito, e assim deve receber o aval do outro, para ter o sentimento de importância e inclusão. Assim, maior a chance de ser indispensável. E nesse medo de não ser aceito, muitos praticam ações, fazem favores, ajudam doações e arrumam um jeito de divulgarem sua “bondade” na internet, legitimando-a, assim sendo aceito, mas na verdade, não é bem assim.

\*\*\*\*\*

*Penso noventa e nove vezes e nada descubro; deixo de pensar, mergulho em profundo silêncio - e eis que a verdade se me revela.*  
(Albert Einstein)

## **Surpresas vitais**

Mal sabia ele que alguns anos depois, estaria ele naquela grande cidade, na busca pela sobrevivência, após longos percalços de indefinições. Joga tudo pro alto em uma cidade do interior, vai pra Porto Alegre, mora em casa de estudante na Cidade Baixa, onde a confusão é uma constante e convive em uma micro sociedade autônoma e também complexa. Aprende a dar muito valor ao que

---

---

---

tem, pois não vai receber nada de ninguém, e luta para conseguir o que precisa.

Cada vitória se torna tão pensada e planejada com o tempo, que quando ocorre, passa a ser uma normalidade, sem maior importância. Percebe as complexidades das relações, o universo paralelo a cada ação. Percebe que cada indivíduo pensa e busca seus objetivos de maneiras tão singulares que os julgamentos se tornam às vezes ofensas e às vezes até troféus. Possivelmente ele não tinha uma percepção mais apurada na época para alguma distinção ou aproveitamento da experiência social.

As relações humanas sempre o fascinaram, mas na época inicia o jornalismo e se dá conta de que é uma área segmentada, discriminada, precária para a grande maioria, exitosa para um pequeno percentual. Pensava em ir para a geografia ou história, uma área que tinha grande simpatia. Entra na licenciatura em faculdade particular na pressão, pois não tinha tempo para estudar – precisava trabalhar. Pensa no campo de trabalho e no grande desafio que seria o curso escolhido. Inicialmente, não se imaginava como professor, achava-se tímido, mas a licenciatura foi arrastando-o para a área.

Jamais havia falado em público, fugia de discursos, não chegava na guria que estava a fim na balada, não falava com os amigos. Era tido como “muito sério”, até permanentemente zangado. Sofria de SPA – síndrome do pensamento acelerado. Por dentro um turbilhão de dúvidas, de raivas, de mágoas, de possibilidades. Pensava no que o esperava, nos anos vindouros. Sofria por antecipação. Isso o deixa ansioso, tímido, em fuga. Já pensava no que poderia acontecer antes do evento.

---

Acabando a licenciatura, existe a necessidade de um estágio obrigatório. A timidez o faz deixar esta fase para a última possibilidade do curso.

Quando não existia mais alternativa, foi necessário entrar em sala de aula, mesmo com toda a timidez.

Entrou como professor em um projeto de alfabetização de adultos.

Mas o termo apropriado para os alunos seria mais experientes, terceira idade, com mais de 65 anos. Entra na sala com um mapa mundi debaixo do braço, olhando aquela turma, fica em um alegre e estranho pânico. Pendura o mapa, olha para a turma e diz: Esse é o nosso mundo !

A cada aula, a falta de um ou outro aluno.

Pensava ele que a aula não estava agradando, mas a resposta a qualquer questionamento era sempre muito rápida e interessada. Começava a preocupar pois a cada aula algum aluno faltava e dificilmente reaparecia. Ao perguntar sobre o aluno, os colegas respondiam que eram problemas de saúde: um AVC, doença, médico, internação... dois casos de alunos faltantes estavam do outro lado com a “mulher da foice”: não voltariam.

Ali percebia que o espiritual e emocional era complementar, mas desimportante socialmente.

No contexto de professor, era um troféu ver a evolução daquela faixa etária, que se autodenominava incapaz, entenderem, conseguirem interpretar, escrever.

Essa experiência, não somente iniciou um processo de exclusão de alguns conceitos prévios, mas a inclusão de outros. Bem como

---

---

---

percebeu que era este um caminho em que o conhecer as pessoas, as interações, mostrar o outro lado, fazer pensar, transmitir conhecimento, ser mais humano, iluminar as ideias, seria a tônica vital, e por este caminho gostaria muito de trilhar. E assim foi, por 23 anos.

Hoje, ainda professor mas trabalhando na saúde e Assistente Social, pesquisador das relações sociais e emocionais na qualidade de vida, percebe que o ser Humano (mente-corpo-psico-social-espiritual), é uno, interdependente e guarda tantos segredos quanto nosso universo inexplorado.

Os particionamentos e “caixinhas” especializadas foram criações muito lucrativas para o sistema atual, das quais não se deve propor dúvida ou qualquer análise de seus efeitos colaterais, pois fazem parte da “ciência”.

Estes efeitos colaterais talvez se resumam na prepotência que se percebe hoje nesta geração (que tem em média 22 anos), a qual não é possível conceber com clareza sua gênese. Não aceitam um não, não conseguem perceber as hierarquias, se acham superiores a todos e acham que já sabem tudo da vida e de seu contexto. Só acham, em uma total e obscura alienação.

\*\*\*\*\*

---

*O primeiro dever da inteligência é desconfiar dela mesma.*  
*(Albert Einstein)*

## **A ilusão...**

As pessoas se iludem para viver melhor.

Ou seria viver melhor se iludindo?

Para viver despreocupadas, para ver o tempo passar sem percalços. Vive-se em um limiar entre o real e o ideal. Difícil aproximar os dois.

Não é interessante saber a realidade, é mais digerível se iludir<sup>14</sup>.

Para não se preocupar com os problemas, para não se preocupar com os preços que encontramos no mercado. Compra, depois a gente vê.

Assim, nessa ilusão, não veem alternativas para nada. São lineares e sem objetividade. Assim, fazem conforme seus preceitos, não se importando com os outros, ao mesmo tempo que esperam que os outros façam por eles, girem em torno deles, achando que suas decisões são sempre as melhores do mundo.

E se ocorrer dificuldades, se não conseguir pagar as contas?

Aí a realidade bate à porta. Nesse caso, o sujeito deve culpar alguém: o governo, o vizinho, o professor, o partido político, os corruptos, namorado (a), marido, pais, a cadela, o gato.

E essa culpabilidade é ferrenha: quanto mais convencido de que o culpado é um dos componentes acima, mais o persegue, inclusive

---

**14** Como dizia Lacan: “a realidade é intangível”. Existe um limite entre a realidade e a ilusão. Às vezes o sujeito se dá conta da verdade, a potencializa e acaba com transtornos mentais graves, ou é um *serial killer* incubado.

---

---

---

pelas redes sociais, ao mesmo tempo em que mais o sujeito se sente aliviado e não responsável por suas mazelas, culpando o outro por elas, isentando-se.

Não é importante procurar meios e alternativas, estudar, se qualificar para conseguir um emprego melhor, tentar ter compromisso consigo mesmo, antes de qualquer coisa. Largar o boteco, as redes sociais, falar dos outros e do governo, as selfies, estudar e economizar.

Isso é para os outros.

E o sujeito reclama que nunca consegue nada. Ve o êxito do outro, invejando-o, ao invés de tentar seguir seus passos.

E um adendo: quanto mais se fala e se dá ênfase a qualquer coisa, positiva ou negativa, mais aquela coisa se torna real para nossa mente.

Passamos a pensar só naquela coisa, situação, pessoa, problema, legitimando os mesmos.

Mas é fácil fazer diferente?

Certo que não. Esse nosso corpo material nos oprime e nos mantém reféns desta realidade.

\*\*\*\*\*

*O impossível existe até que alguém duvide dele  
e prove o contrário. (Albert Einstein)*

---

## **Virtual (ismos)**

Atualmente, o que mais se percebe são pessoas conectadas.

E mais desconectadas.

É facebook, whatsapp, instagram, linkedin, messenger, twitter entre outras.

Como atualizar tudo isso?

É muita ocupação.

Passa a ser obrigação – e não opção – a comunicação virtual, sendo que o sujeito deve estar sempre conectado, curtir e expor tudo.

Mas desconectado de si mesmo.

A percepção é a de que, quanto menos o sujeito é ouvido, menos se sente inserido, e assim deprimido e frustrado com seu entorno e com o meio, buscando nas redes sociais algum adendo, algum prazer, já que não consegue mais contato com as pessoas.

São cidades de indivíduos isolados, desolados, desconectados.

Ao mesmo tempo, dependentes, interdependentes, necessitados.

Em palpável distância entre as pessoas.

A terapia e compreensão que antes se efetivava olhando e conversando, pouco existe e assim, aquela pequena tela aceita tudo.

Todos têm necessidade de ouvir e serem ouvidos.

É uma necessidade humana e social inalienável.

---

---

---

Não sentindo e percebendo o outro, aumentam as distâncias, as ofensas, a certeza sobre tudo, o absolutismo, a não interpretação e em consequência, os “ismos” e fobias: machismo, racismo, feminismo, sexismo, homofobia... muitas vezes nem sabendo efetivamente do que se trata, devido a alienação instituída como regra: deixar que o outro decida pelo sujeito.

Ao mesmo tempo, novos CIDs<sup>15</sup> são criados para as mazelas do cotidiano, como não aceitar um “não” e frustrações básicas.

Concomitantemente, deve-se levar em consideração que em um mundo complexo como estamos, a verdade de hoje pode não ser a de amanhã. O que pensávamos como verdadeiro, em um determinismo absoluto, pode ser abalado por falta de ideia, conceito, teoria, hipótese, amor, crença, confiança, etc. E além disso, deve-se levar em consideração que existe o respeito, o ser humano, os valores necessários para o sujeito ser incluído.

Conhecer e dar-se conta passa a corresponder à verdade.

Conhecer implica a busca da verdade.

A verdade é aquilo que corresponde à realidade.

Mas o que é verdade?

O que é realidade?

15 CID-10 - A Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (também conhecida como Classificação Internacional de Doenças – CID 10) é publicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e visa padronizar a codificação de doenças e outros problemas relacionados à saúde. A CID 10 fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças.

---

São dilemas fundamentados por certa complexidade, mas as duas respostas são estruturadas a partir da humildade em buscar conhecer, buscar a verdade. Os determinismos absolutos requerem certa humildade e a capacidade de interpretar o entorno, perceber, conhecer e assim “ver” a sua verdade, como sendo também a dos outros, de maneira diferente.

Mas novamente voltamos a um processo anterior: interpretação e conhecimento.

\*\*\*\*\*

*Olhe para dentro, para as suas profundezas,  
aprenda primeiro a se conhecer.  
(Sigmund Freud)*

## **Estamos velhos**

A velhice vem, sem avisar. Parece-nos que o tempo está mais rápido, parece que nosso corpo está se oxidando mais rápido, como as estações, em um paradoxo gravitacional entre a vida e morte; o que nos dá a vida nos mata, nos oxida. Nosso coração já não pulsa da mesma maneira, a ressonância<sup>16</sup> nos deixa mais desalinhados e incapazes de ver metros à nossa frente. Parece que o magnetismo que nos alinha deixa de ter seu papel rejuvenescedor.

16 Leia mais em:  
<https://www.vidaplenaebemestar.com.br/inspiracao/musica/o-que-e-ressonancia-schumann-e-como-nos-afeta> consultado em 26/12/18.

---

---

---

Quando menos o sujeito se dá conta, percebe que ficaram coisas a fazer, e ao tentar fazê-las, não é mais possível.

Não se tem mais tempo.

A vida passa a ser curta.

Restam mágoas e por vezes ressentimentos, mas não de situações e objetos, mas pela palavra não dita, a ação não feita, a possibilidade não falada e assim os devidos arrependimentos.

Ou ainda o não se dar conta de tudo isso.

Possivelmente isso envelhece mais que a oxidação real de nossas células. Aliando-se a inércia de pensamento e ação, o corpo vai definhando, decaindo. Os ossos já se movem sem músculos. Os sentidos se perdem em exatidão quando não falham: visão, audição, fala e olfato.

A mente se retrai em seus pensamentos básicos, instintivos, como se o sujeito passasse a ser novamente um animal irracional, buscando em sua origem primeira e autônoma, algum aporte.

Quais as ações? Comer, dormir, defecar, esperar e vice versa.

Os movimentos são mais limitados e se deixarmos, o tempo vai tomar conta e a gravidade vai mostrar a sua força.

Ocupar a mente é uma obrigação. Mas ao efetuar esta tentativa, fantasmas do passado se sobressaem e tomam conta da mente ociosa.

Os medicamentos passam a ser o único aporte diário para as mazelas. Antidepressivos, reguladores de pressão, diminuição do colesterol, prevenção de AVC e outros para patologias indefinidas. Vários medicamentos com efeitos colaterais duvidosos e de uso

---

prolongado sem devidas pesquisas fazem parte do processo. Afinal, a cura está fora de cogitação.

Esperar que alguém novamente faça algo pelo sujeito passa a ser regra diária e constante, em uma alienação obrigatória e sistemática, na espera dos últimos dias, pelo deus Anúbis e seu julgamento.

\*\*\*\*\*

*Nunca tenha certeza de nada, porque a sabedoria  
começa com a dúvida.  
(Sigmund Freud)*

## **Histórias curtas**

Por volta de 4.000 a.C., os egípcios efetuavam cirurgias complexas, das mais variadas especialidades. Os médicos estudavam a complexidade do corpo humano e a complexidade espiritual. Longo tempo era dedicado igualmente ao aprendizado das conexões espirituais com os sacerdotes, nos templos dedicados a esse feito. Para muitos jovens, era um objetivo muito almejado, pois seria a efetiva proximidade com seus deuses.

Ao efetuar uma cirurgia, o médico requisitava a ajuda espiritual de um sacerdote, como se fosse um médium, que indicava onde estaria o problema ou anomalia no corpo do paciente.

---

---

---

Diziam que as doenças são manifestadas no espírito, e depois no corpo. Assim, a saúde deveria ser analisada nas duas instâncias.

Os Incas, aqui na América do Sul também praticavam a medicina com um sistema similar: não apenas procurava tratar os sintomas das doenças, mas também se dedicavam a questionar suas causas, unindo tanto os aspectos biológicos quanto os psicológicos e espirituais de cada paciente. Trabalhavam com a energia da pessoa e antes de qualquer coisa, aplicavam ações para mudar esta, que estando condensada, levaria a doenças. Eram sábios, longe de nossa ciência empírica de hoje, particionada, atrasada.

Posteriormente, os Europeus, atrasados e donos da razão, estabelecem que sua cultura era a única correta e ainda tinham o “aval” e a benção da igreja. Assim o desconhecido é banido, discriminado e subjugado. Eles são a única civilização e as outras culturas nada mais são do que atraso e devem ser suprimidas.

Hoje, prega-se o mesmo discurso em nome da “democracia”, estando o “capitalismo” em sua sombra, fazendo barbáries consideráveis na superfície desta nave espacial com 7,4 bilhões de seres, sendo que uma terça parte vive com menos de U\$ 1 por dia.

Onde nos perdemos? O projeto ser humano faliu?

Ou já existiu coerência em algum episódio da história?

\*\*\*\*\*

---

*O caráter de um homem é formado pelas pessoas  
que escolheu para conviver.  
(Sigmund Freud)*

## **A facada**

Interessante como o “coitadismo” define milhões de destinos. Ele é resultado do irracional, de uma emoção primária, disforme, imediatista. Não é contextual, agregador, coerente.

No Brasil, outra mazela da não interpretação dos fatos e possibilidades é o coitadismo. O sujeito não percebe a própria vida, mas sente pena do outro, sendo que é mais passível de pena por outros. Assim, o coitado, vítima de um atentado, ganha o voto, afinal representa os brasileiros que levaram muitas facadas pela suposta esquerda durante anos.

- Coitado, tentaram matar o cara.
- ele levou uma facada e quase morreu pelo Brasil.
- é um mártir da Democracia!
- será o salvador do Brasil!

Salvar do que mesmo? Iria tirar 60% da população do breu da ignorância? Iria acabar com o crime organizado e desorganizado e ainda tornar o país independente e protecionista?

Tantas irrealidades se ouvia, mas com isso foi eleito. Mais uma prova de que a ilusão é mais efetiva que a verdade.

---

---

---

Ao assumir, a incapacidade de comunicação é proporcional à quantidade de publicações nas redes sociais. Divulgam-se situações não convenientes ao status do sujeito que foi salvo da morte após a facada.

É de esquerda? De direita? Conservador?

Ninguém sabe, possivelmente nem ele pelas declarações sem noção.

Seu mentor, um tal sujeito que se intitula filósofo, jornalista, escritor, sem nenhum diploma, sem nenhuma comprovação, pois o sujeito não se adaptava às faculdades do Brasil. Vivia fora do país, mas também não conseguiu entrar em nenhuma faculdade. Morreu assim.

Ocorre insistência em dizer que o governo é de direita, mas foi eleito pelos mesmos subsídios que a esquerda, com os mesmos “investidores”, com as mesmas políticas. Criam-se várias facções dentro de um governo que não tem uma linha definida.

E entre a população, além do sexismo, racismo, hedonismo, LGBTQI+[], etc, narrativas criadas e nichos do facebook, com certezas absolutas, agora está se acirrando o conceito de “direita e esquerda” no país, como se isso fosse efetivamente mudar o modo de ser política.

---

*O homem é a criatura que, para afirmar o seu ser e a sua diferença, nega. (Albert Camus)*

## **A Patologia coletiva<sup>17</sup>**

Interessante como as redes sociais como o WhatsApp passam a ditar as regras. Qualquer sujeito desinformado posta algo por lá, em seus grupos, com certa ênfase, e outros passam a mensagem adiante em blocos ou grupos, como se verdade fosse. A mentira toma um vulto tal, que até perseguições reais ocorrem. Assim fomenta-se o analfabetismo funcional, repassando coisas sem ler, sem nenhuma interpretação. Às vezes só por reclamar de pessoas, assim usando como sistema de aporte, na incapacidade de interpretar.

Como se diz: Estamos usando dispositivos de “distração em massa”, que leva a alienação, a desumanização, fomentando a ilusão, não a realidade.

Aquela situação:

- Olha! Vamos falar do professor, não gosto dele!
- Sim, ele faz trabalhos difíceis, não quero estudar!
- Sim... e acho que deve ser demitido!
- Isso! Vamos fazer uma boa ação, já que não queremos estudar.

<sup>17</sup> Livro com este nome, do mesmo autor, lançado em setembro de 2019.

---

---

---

- simmm... ele tem que fazer os trabalhos com decoreba, mais fácil. (pensar dói).

- vamos passar pra secretária sugerindo e reclamando.

A secretária, por sua vez, dá ênfase aos alunos, conivente com a continuidade do analfabetismo, não dando chance aos alunos de saírem do status da reprodução alienada.

O professor tem que conviver com a decepção, dando-se conta de que quando o aluno não está disposto a aprender e quer manter-se no breu da ignorância, não tem quem mude isso. Ele mostra só o caminho e ainda é criticado por isso.

Assim se modificam trajetórias, se alimentam frustrações e até violências. Patologizando a realidade, fomentando a alienação de si, pelos outros.

Nesta patologização, com as certezas em alta, aparecem CIDs para legitimar o transtorno social como doença.

Em outro caso, a professora fica sempre irritada ao extremo com colegas e alunos, impaciente, até porque a situação acima é comum. É chamada pela direção para explicar as reclamações de alunos e pais.

Os colegas, ao perceberem sua irritação, falam:

- Nossa, como você está irritada, gritando! Acho que você tem algum “transtorno”! Está tomando alguma coisa?

- Não!

- Pois é... acho que está na hora de procurar um médico, tá insuportável.

- Acha?

---

- É.. acho que tem que ver isso, se tratar. A minha vizinha estava sempre irritada, sem paciência, achando que sabia de tudo. Agora toma um remédio que o psiquiatra deu, e está tudo bem...

Ela passa a se sentir pior, se achar doente, que deve realmente buscar o médico e tomar algo. Não tenta se preocupar em mudar, em perceber o que ocorreu e seu entorno e o que as colegas querem com isso. Um medicamento é mais rápido e prático.

- Sim... acho que preciso disso, quem sabe resolve.

Vai ao psiquiatra, mas neste dia ampliou, no relato que fazia ao médico, as mazelas que estava sentindo, como dor de cabeça, enxaqueca, depressão, não se sentia bem em lugar nenhum, nem com filho e marido, etc.

Assim, o psiquiatra a manda ao neurologista, na possibilidade de ser algo mais grave, já que não sabia de seu histórico.

Este, por sua vez, a encaminha para fazer um eletroencefalograma, pois não consegue perceber o paciente sem os devidos exames. Ela sentia-se mais doente ainda, começa a ficar preocupada, se poderia estar realmente com alguma patologia grave, ainda sem ter executado o tal exame.

- O que acontece comigo? Eu estava doente e não sabia, como tanta gente por aí? O que será de meu filho e marido? Será que é câncer?

Gasta tempo e dinheiro com os exames, pega atestado, começa a sofrer mais, acaba até por desmaiar em via pública e vai parar em uma emergência, socorrida por pedestres.

Aparecem seu filho e marido, preocupados, quase em choque:

- O que houve?

---

---

---

- Tá doente, foi acidente, tá bem?

Um braço estava com escoriações, pelo tombo que levou.

Ela nem consegue responder, pois não sabe o que acontece e se convence que está doente “da cabeça”, e pensa como aquilo tudo começou.

Após horas aguardando médico, tomando soro, vai para a consulta sem conseguir dar muitas explicações e volta para casa com Rivotril e Paracetamol. Mas a ansiedade pelo resultado do eletroencefalograma ainda a deixa preocupada, pois ela agora tem certeza que está doente.

Dias após, chega a suas mãos o resultado do exame. Não tem coragem de abrir para ver se entendia o resultado. Marca novamente o Neurologista para alguns dias adiante, começa a ser discriminada como faltante ao trabalho, como doente, em depressão e sendo professora, a notícia se espalha rapidamente.

A direção não consegue alguém para substituí-la e as turmas ficam desassistidas durante as consultas. Pais querendo explicações, pois o aluno de 12 anos simplesmente sumiu, não apareceu em casa após a aula que não teve. Preocupados, beirando o pavor pois o filho não está conectado para dar um retorno e o aplicativo de rastreo não funciona. Pode ter sido sequestrado, assaltado, esfaqueado ou sabe-se lá, somente 2 horas depois da aula. A mãe tomando calmante aos gritos, o pai ligando para a polícia e para os contatos.

De repente, após horas que pareciam meses, um telefone toca: o amigo do filho, avisando que está em sua casa e o telefone sem bateria.

---

Voltando a professora, que vai a fatídica consulta, trêmula, ansiosa, com o exame em mãos, acompanhada do marido, esperando o pior, como um tumor cerebral. Entrega o exame, quase em desmaio. O médico examina aquelas páginas com calma, o tempo se dilatando, ansiedade em opressão. Levanta os olhos calmamente, olhando a paciente e fala:

- Está perfeita! Nenhuma anomalia encontrada.

Agora ela, surpresa, quase desmaia nos braços do marido. Incrédula, ainda pergunta:

- Como assim? Eu estava toda errada, não pode ser!

- Mas está aqui, o exame não mente. Você está muito bem. Talvez foi algo momentâneo que a levou a achar que teria algo, mas nada de mais!

Volta para casa aliviada, mas não satisfeita. Não era possível. Ela tinha que ter alguma coisa. Iria voltar ao psiquiatra. Marca nova consulta, para dias depois, porque precisa de satisfação recíproca.

Novamente, vai à consulta com o marido, extremamente ansiosa, trêmula, esperando novamente o pior. Após longa conversa, passa a ser diagnosticada com TOC (transtorno obsessivo compulsivo). São receitados alguns medicamentos e antidepressivos de uso contínuo. Nos primeiros dias já se percebe estranha, com outros efeitos colaterais: sonolência, enxaqueca, estado de torpor, etc.

Tenta voltar a sua rotina, mas agora julgando-se doente e medicada, não consegue mais ter a compreensão dos processos como antes e os colegas dão ênfase a doença, realimentando a

---

---

---

mazela. Entra em um ciclo vicioso de vitimismo e doença a longo prazo.

Pode-se analisar o caso por muitos pontos de vista. Mas faço a observação da ênfase em tratar as consequências não as causas. Ela foi levada a pensar assim. A colega poderia orientá-la a buscar outra ajuda, ou simplesmente conversar com a mesma, ver o que estava acontecendo, auxiliar. Talvez ela só precisasse de um apoio e de ser ouvida, não de um julgamento para buscar outro especialista para se “tratar”.

Assim sendo, ela não percebe outros meios para sua melhora, a não ser o rápido e prático uso de medicamentos, tratando-se a consequência, não a causa efetiva de suas mazelas. E contando que só se acentuaram em seu foco na doença, não na saúde que tem. Focando na doença, deu ênfase a esta, que acaba por ficar mais doente ainda, desmaiar, entre outras.

Como às vezes comento, dá-se ênfase à exceção, e além disso o sofrimento parece ser mais importante que estar bem, que a saúde. É uma espécie de sadomasoquismo voluntário.

\*\*\*\*\*

---

*A grandeza do homem consiste na sua decisão de ser mais forte  
que a condição humana.  
(Albert Camus)*

## **A capital do Rio Grande**

Como mencionado em outras situações, é interessante perceber como as pessoas se iludem para não mudar. Ou não percebem sua própria vida. O povo do RS é mais ou menos assim. Em Porto Alegre, as pessoas se iludem que vivem melhor, que tem qualidade de vida superior ao Brasil, que a criminalidade só acontece no Rio de Janeiro.

- Sim, "Porto Alegre é demais"!

Assim, o Rio Grande do Sul, com Porto Alegre, tem maior índice de suicídios do Brasil.

- Sim, "Porto Alegre é demais"!

Decaímos nos níveis educacionais, onde os alunos se orgulham em acabar o ensino médio e EJA - agora EAD - sem saber ler e escrever com coerência:

- Sim, o que quero é um diploma!

Diz o sujeito que não sabe interpretar dois parágrafos, e nas provas diz que tem que ler "demais", fazendo parte dos 68% de analfabetos funcionais do Brasil.

Igualmente o gaúcho tem a concepção alienada até quanto à cultura. Porto Alegre tem a feira do livro, o povo compra livros mas não os lê, pois a interpretação é difícil. As livrarias do centro

---

---

---

fecharam e proliferaram farmácias, pois as pessoas estão cada vez mais doentes e em depressão.

- Sim, “Porto Alegre é demais”!

Temos o 20 de setembro, mas a maioria não sabe o porquê ou o que representa a data para os gaúchos. É somente um feriado e um passeio. Falando-se em passeio, inaugurou a obra da orla do Guaíba e entorno do Gasômetro, e a cada fim de domingo, toneladas de lixo e detritos espalhados pela orla. E a culpa é da prefeitura, que não recolhe, não da falta de educação das pessoas. Assim, foi necessário tomar a iniciativa de dar educação ambiental “*in loco*” pra ver se as pessoas mudam seu comportamento.

- Sim, “Porto Alegre é demais”!

Temos a passagem de transporte coletivo como uma das mais caras do Brasil, apesar da qualidade precária desse mesmo transporte e uma quantidade absurda de isenções.

- Sim, “Porto Alegre é demais”!

Me pergunto: Por que essa zumbização é tão evidente? E não se percebe qualquer visão de mudança.

Seria por causa da água que bebemos? Pois até este recurso essencial é medido em sua qualidade com certa deficiência em Porto Alegre, conforme a ANA<sup>18</sup> (Agência Nacional de Águas), sem mencionar o excesso de substâncias estranhas e hormônios

18 Disponível em <https://www.ana.gov.br/monitoramento/panorama-das-aguas/qualidade-da-agua/indicadores-de-qualidade> consultado em 09/04/2022.

---

encontrados na água que bebemos, conforme outra pesquisa da Unicamp<sup>19</sup>.

\*\*\*\*\*

Nunca deixo de me surpreender sobre a configuração política e eleitoral do Brasil. Como conseguem votar em pessoas sem noção de história, política ou qualquer coisa que seja? Os votados ainda discursam mentiras como se verdades fossem nos meios de comunicação, esperando que as pessoas acreditem. E pior é que são acreditados e seu discurso acaba tendo respaldo. Essa configuração é muito mais nociva para todo o contexto, pois ainda acreditam naquilo e lutam por isso, seja nas tentativas de convencimento, seja nas redes sociais.

Porque? Porque ele é deputado. Ele supostamente tem poder, legitimidade e ganha bem mais que a média nacional. Pode ser um idiota, um sujeito que nunca leu 10 páginas na vida e não se dá conta de nada, mas é deputado. Assim, é digno de confiança e de crença pela maioria da população, que está no mesmo nível cultural.

\*\*\*\*\*

---

19 Disponível em: <https://sinproquim.org.br/qualidade-da-agua-de-porto-alegre-e-a-pior-entre-20-capitais-diz-unicamp/> consultado em 10/04/2023.

---

---

---

*Abençoados os corações flexíveis;  
Pois nunca serão partidos.  
(Albert Camus)*

## **Ah, as redes relacionais!**

As relações pelas redes sociais são problemáticas, pois tudo passa a ser superficial ou inexistente, inclusive qualquer contato. As pessoas vão para aplicativos, só pra ver se dá “crush ou match”, se possível se sentir desejadas, mas não para efetivamente ter alguma conversa, aprendizado ou relação. Às vezes somente por curiosidade ou uma auto afirmação. O sujeito entra em um aplicativo, várias combinam (crush) e nenhum contato. Em um debate sóbrio sobre o assunto, com amigos homens e mulheres, vários exemplos são explanados. Comenta-se que as vezes, o papo se restringe em:

- oi

- oi

- tudo bem?

- tudo.

E a pessoa some.

Em outros casos, o papo até flui um pouco mais, parece que tem afinidade, combinam um encontro real, ela desconversa, diz que quer mas não pode dia tal, nem no outro, com dor de cabeça, ou o ex

---

reapareceu. Outros até se adicionam em aplicativo de mensagens, começam breve papo por la:

- oi, tudo bem?
- sim, Tudo.
- melhor por aqui, né?
- sim, mais rápido.

E assim já acabou. Só mais um contato.

Em outros, após muito tempo perdido, depois de certa insistência e supostas afinidades desveladas, insegurança e medo minimizados, marcam o local e horário. Ele se arruma, confirma com ela 2hs antes, sai de casa, pega transporte:

- tudo certinho logo mais?
- sim, certo.
- Saindo de casa.
- ok.

A ansiedade, nesse momento, aumentou consideravelmente, depois de 2 semanas de papos e tentativas, criando expectativas exageradas. Perto do local combinado, tenta nova confirmação. Ela não leu. Chega ao local combinado, percebe que foi bloqueado no aplicativo. Criam expectativas, ocorrem gastos, para ser somente mais um das listas. E agora, o que pensar?

Tá, tudo bem, algo pode ter acontecido, mas por que bloquear?

Bem, vamos a outra possibilidade. Depois de muita perda de tempo e conversas, outro caso parece que vai evoluir. Ele tenta ir com isenção de ânimos, sem expectativas:

- vamos a um bar?
  - vamos!
- 
-

---

- que dia?

- no sábado. Só posso nesse dia.

- ok, a gente conversa melhor até lá, perfeito. Vou estar em Lajeado, volto em fim de tarde, vai ser corrido, mas consigo te encontrar. Combinado?

- sim, certo.

Até dá certo e se encontram, boas conversas, a vida de cada um é mencionada, suas mazelas, problemas, opiniões, risadas, fluidez, proximidade. Após algumas horas ela, alegando-se cansada, optou por ir para casa. Ele fez menção a outro encontro, mas ela desconversa, que “iria ver”. Ele paga a conta sozinho, ela agradece, mas não se dispõe a dividir. Depois, ele a acompanha até o carro, um fugaz beijo, e esperanças afirmadas.

Chega em casa, só pergunta se chegou bem, tudo ok. No dia seguinte, ela fala para ele que não foi o que esperava, foi rápido, não levasse a mal, ela não estava em condições de qualquer relação no momento, mas ela poderia ser somente amiga. Efetivamente, não ocorreu afinidade, a descoberta, o novo. Ou seria o medo?

Percebe-se que com esses exemplos, o discurso finaliza-se em si, e não passa disso. As pessoas querem realmente alguém, ou somente fazer parte do desejo do outro? Se sentir desejada(o)? O discurso é um, mas o saber o que se quer ou interpretar sua própria realidade ou emoções já é outra história.

Busca-se algo, em certa dúvida do que seria. Na realidade é o resultado das ansiedades e impaciências, algo que faz com que nos sintamos vivos, pertencentes a outro mundo que não seja o do estressante dia a dia. É um sistema de aporte necessário. Mas a

---

incógnita nisso é que a maioria faz isso com prejuízo de outros, sem dar-se conta. Por sua vez, o sujeito que foi uma sutil vítima, faz o mesmo com outros, e assim a confiança não existe mais, vai se esvaindo, restando só a selvageria interdependente.

São incógnitas baseadas na superficialidade das relações. O medo de conhecer, de perceber, de interpretar e até a efetiva manutenção do vitimismo. O discurso nesses aplicativos é de discriminação, de se fazer de vítima, quando não existe respeito a ninguém. Só se pratica certo discurso quando o mesmo está intrínseco e incrustado em quem o pratica.

\*\*\*\*\*

*O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós.*  
(Jean-Paul Sartre)

## **COVID-19**

Querido diário, aos 29 dias do mês de abril de 2020, hoje, me abstenho a um relato preocupante. A insegurança leva a preocupações. Assim, conforme as fontes oficiais e não raro duvidosas, os casos fatais (mortes) no Brasil somam 5.104. EUA, 59.388. Já estabilizados e no fim (dizem), Espanha com 24.275 e Itália com 27.682. O presidente dos EUA, o comediante Donald Trump fala que em proibir a entrada de brasileiros em seu país. Mas... não seria o Brasil que deveria proibir os americanos, pois lá está proliferado? O

---

---

---

comediante brasileiro Bolsonaro, por sua vez, fala que aqui quem manda é ele.

Em meio a informações desencontradas, oportunismos, declarações de calamidade pública, vamos vivendo. Já não se sabe quais são verdades, como é o vírus, quais os efeitos do vírus, mas parece um filme de ficção criado artificialmente e não tão interessante. A vida vai voltar ao normal? Vai, mas não se sabe direito como e quando. O que se cria e se faz em função do vírus está se tornando mais nocivo que o próprio vírus, que a própria pandemia, pois é colocado em evidência o pior lado do inconsciente coletivo. E o vírus fez parte de mim em dezembro de 2020, sendo que os efeitos colaterais se mantiveram até a atual data (2023).

O que se sabe é que de outras patologias, contando com acidentes, crimes e outros, morrem por volta de 500 pessoas por dia no país. Nunca ficou tão evidente a maneira como a massa precisa de um líder ou algo que diga o que fazer.

\*\*\*\*\*

## **COVID-19 (2)**

Querido diário, aos 29 dias do mês de março de 2023, hoje me abstenho a outro relato preocupante. A vida voltou ao “suposto” normal. Mas a população mais certa de si, mais medicalizada, mais desconfiada, mais depressiva.

Eu não sou mais o mesmo. Às vezes não me reconheço. Dois episódios da doença fazem parte de minha história nesses 3 anos. O

---

uso de antidepressivos, que antes era uma situação distante, faz parte de mim agora. Assim, sou o resultado de meus escritos, testando-os.

A convivência com outros seres agora tem tolerância zero, e como não se pode explodir, guarda-se. E tomamos antidepressivos.

Ocorre o projeto voltar ao campo, às origens. Quando se acha que os empregadores vão incrementar o trabalho a distância, mais salutar para todos, sem falar na diminuição dos custos, se volta a falar e estabelecer trabalho somente presencial. Percebe-se que algo deve evoluir, principalmente a percepção das pessoas com o todo, bem como a educação, a empatia, o viver em sociedade.

\*\*\*\*\*

## **Posfácio**

E ficamos por aqui. Que estas breves linhas tenham sido de reflexões, sabendo-se que o sujeito deve se conhecer, perceber suas emoções e limitações, suas necessidades, seu mundo como realidade. Ao perceber-se, interioriza-se e passa a buscar outros sistemas de aporte fora do consumo ditatorial, como a espiritualidade e seu real papel como ser humano, espiritual, psíquico e social. Passa a ter uma visão holística de todo o processo ao qual está inserido, e assim, percebe seu papel, interpretando sua realidade e a do outro.

---

---

---

Complementando, esse processo de percepção é estabelecido a partir da infância, conforme alguns autores, explanado inclusive na "teoria do apego".

A conclusão é a de que quanto mais o sujeito se torna conectado, menos se dá conta de si, de seu mundo, de sua vida, de seu corpo. Quanto menos é ouvido e ouve, menos se sente humano, sendo que sua essência é sê-lo. Assim, por outro lado, mais tem certezas absolutas sobre tudo, pois não ouve, não existem trocas e ninguém o ouve. E deve-se procurar culpados pelas frustrações, pelas incapacidades, já que não se pode falar a outros. Nessa contribuição, as redes sociais podem ouvir, alguém pode comentar contrariamente, a iniciar o "debate".

Sejamos cidadãos de nós mesmos, de nosso entorno, procurando a autonomia desalienada, apesar que às vezes podemos pender para os existencialismos.

Porto Alegre, 11/10/2023

(pdf\_site)